

# HISTÓRIA DA TEOLOGIA

FACULDADE MALTA

Bacharel em Teologia

*Prof. Dr. Josimir Albino do Nascimento*

Teresina - PI

**Sobre a Autor:****Josimir Albino do Nascimento****FORMAÇÃO ACADÊMICA**

Bacharel em Teologia com especialização em Línguas Bíblicas pela Faculdade de Teologia UNASP-EC (2011). Doutorado em Teologia Sistemática pela PUC-Rio (2019). Pós-Graduado em Produção Textual pela FAVENI (2023).

Tradutor de obras para a Casa Publicadora Brasileira (CPB) e para a UNASPRESS. Coordenador e professor de cursos de teologia para leigos e preparação de jovens missionários. Experiência em missiologia, soteriologia e eclesiologia, tendo em vista a atuação no ministério pastoral; escatologia, com foco nos livros de Daniel e Apocalipse; e em pneumatologia, através de estudos desse ramo que tem sido o centro da teologia em grande parte das denominações cristãs da atualidade desde o século dezenove. Atuação na área de responsabilidade social, com fundamentação na ética bíblica aplicada ao contexto contemporâneo.

## APRESENTAÇÃO

Presado/a estudante,

A matéria História da Teologia, oferecida pelo curso de Teologia da Faculdade Malta-FACMA, é essencial para a sua formação como teólogo. Essa matéria discorre sobre o pensamento cristão que norteou cada fase ao longo da história. No entanto, é fundamental entender a impossibilidade de estudar dois mil anos de história sem ser seletivo. Por isso, serão destacados os seguintes períodos e fatos a eles relacionados. Na Unidade 1 “INTRODUÇÃO, A TEOLOGIA APOSTÓLICA E A TRANSIÇÃO PARA A TEOLOGIA PATRÍSTICA”, serão abordados o conceito teológico dos apóstolos e a base fundamental desses conceitos, quais os aspectos fundamentais que continuaram na nova geração cristã e o que mudou durante a era patrística. A influência da filosofia grega, especialmente de Platão, será estudada, tendo em vista que está na base de alguns pressupostos encontrados nos escritos patrísticos. Esta última seção completa os temas da primeira unidade.

Na Unidade 2 “A TEOLOGIA QUE NORTEOU A ERA PATRÍSTICA E APOLOGÉTICA”. Nesta unidade você entrará em contato com o pensamento teológico de figuras como Agostinho de Hipona e os principais concílios ecumênicos que definiram credos e doutrinas norteadoras do cristianismo. Porém, não sem encontrar oposição e resistência da ideologia romana, tendo em vista que o cristianismo praticava princípios éticos diametralmente opostos aos que vigoravam no Império Romano. Para justificar a existência do cristianismo como religião não ameaçadora para o estado e, ao mesmo tempo, benéfica, foi que os apologistas se levantaram. Para a sua melhor observação dessa fase, iremos distinguir os escritores da patrística dos apologistas.

Na Unidade 3 “A TEOLOGIA DA IDADE MÉDIA, DA REFORMA E DA CONTRARREFORMA”, pretende-lhe informar sobre as ideias que conduziram à consolidação da ortodoxia cristã e ao desenvolvimento da teologia escolástica, destacando teólogos como Tomás de Aquino. Este período foi caracterizado pela tentativa de harmonizar a fé cristã com a razão e a filosofia greco-romana, como um retorno à era patrística. Essas questões são fundamentais para se compreender a próxima fase do desenvolvimento do pensamento teológico da igreja cristã. Então, analisaremos a teologia dos reformadores como Martinho Lutero, Zwinglio e João

Calvino. A Reforma Protestante foi um dos maiores fenômenos religiosos de todos os tempos, tendo em vista que não foi apenas no terreno religioso que ela militou, mas na esfera econômica, política e social. Até então, havia poucas vozes dissonantes em relação à religião popular e oficial, a Igreja Católica Romana, porém, com a Reforma, muitos fiéis deixaram as fileiras do catolicismo e se tornaram protestantes. A Contrarreforma foi uma reação da Igreja Católica ao protestantismo. Esta unidade também menciona as diversas tradições teológicas que emergiram das divisões da Reforma.

Na Unidade 4 “A TEOLOGIA DA ERA MODERNA E DOS SÉCULOS XX E XXI”. Nesta unidade, você será habilitado a compreender a influência exercida pelo Iluminismo na teologia cristã e o conseqüente surgimento do liberalismo teológico, que tentou adaptar a fé cristã aos novos conceitos científicos e filosóficos. Também estudará o movimento evangélico e a reação conservadora às mudanças impostas pelo modernismo. É fundamental que você entre em contato com a teologia da crise de Karl Barth, o neo-ortodoxismo, e as várias tendências contemporâneas, incluindo a teologia feminista e a teologia da libertação. Ainda será informado sobre movimentos recentes que vêm amoldando o pensamento teológico contemporâneo. Evidentemente, o material apresentado não abarca todo o conteúdo da matéria, mas oferece o impulso inicial para que você continue a pesquisa, explorando novos ângulos e se aprofundando cada vez mais, a fim de se desenvolver como pesquisador. Por essa razão, recomendo a aplicação à leitura e ao estudo sistemático e, além disso, desejo-lhe sucesso nesse nobre empreendimento!

Prof. Josimir Albino do Nascimento (ThD)

Sumário

## **UNIDADE 1 - INTRODUÇÃO, A TEOLOGIA APOSTÓLICA E A TRANSIÇÃO PARA A TEOLOGIA PATRÍSTICA**

### **Objetivos:**

- **Fornecer informações sobre a ideologia da igreja primitiva.**
- **Indicar os elementos de transição da era apostólica para a patrística.**
- **Apresentar os aspectos fundamentais de cada abordagem teológica.**

Definições, glossário e noções preliminares:

### **Definição de História**

Cairns (2008, p. 15) explica o significado da palavra “história”, exemplificando com o substantivo alemão *Geschichte*, derivado do verbo *geschehen*, cujo significado é “acontecer” e que encara a história “mais como evento do que como processo ou produto”. Sendo assim, a história significa, primariamente um evento real que ocorre no tempo e no espaço, isto é, um acontecimento produzido pela ação humana. O autor, defendendo um segundo significado para a história, a classifica como informação sobre um fato.

Além disso, segundo Cairns, a palavra história se origina do substantivo grego *historia*, derivada do verbo *historeo*, que curiosamente no dialeto ático, significa “aprender pela pesquisa ou investigação”. Em Gálatas 1:18, o apóstolo Paulo a utiliza para descrever a sua reunião com o apóstolo Pedro em Jerusalém: “Passados três anos, fui a Jerusalém para me *encontrar com* (ἱστορήσαι - *historesai*) Cefas e fiquei quinze dias com ele” (NAA).

### **Distinção entre História da Igreja e História da Teologia**

Há uma clara distinção entre a História da Igreja e a História da Teologia. A história da igreja aborda questões relacionadas a sua trajetória social, cultural e institucional, as suas ramificações ocorridas através do tempo que resultaram nas diversas igrejas cristãs como conhecemos hoje.

A história da teologia, por outro lado, preocupa-se com a manifestação e o desenvolvimento do pensamento teológico cristão. De que maneira a ideologia, as doutrinas e suas interpretações se manifestaram nos diversos seguimentos da fé cristã ao longo do tempo.

## **Glossário**

*Teologia* – sistema de crenças religiosas acerca de Deus ou da realidade suprema. Geralmente a teologia se refere à fé cristã e à experiência de Deus com base na autorrevelação divina. A teologia também busca aplicar essas verdades à experiência e ao pensamento humano como um todo (GRENZ, GURETZK, NORDLING, 2000, p. 128). Teologia, portanto, é uma reflexão sistemática, organizada, metodológica, que parte da fé e a ela pretende voltar. Votar para que a fé não se transforme em alienação ou falsa esperança (CARIAS, 2006, p. 18).

*Apóstolos (enviado)*. Os judeus chamavam dessa maneira àqueles que levavam as cartas dos seus governantes. No entanto, eram poucos os que recebiam essa honra, e para quem Jesus confiou a organização de Sua Igreja. Portanto, foram pessoas honradas por Cristo para conduzir a mensagem do evangelho nos anos iniciais da Igreja. A princípio, o apostolado foi confiado às testemunhas oculares das obras de Jesus (João 15.27; Atos 1.21). Posteriormente, Paulo reivindicou autoridade equivalente, porque ele também teve contato audível e visual com o Senhor (1Co 9:1; 15:8).

*Patrística* – referente ao ramo da teologia que estuda os pais da Igreja, suas vidas, escritos e doutrinas. Ela realça os mais preeminentes líderes que viveram mais próximos dos apóstolos e que são também conhecidos como *Pais Apostólicos*, entre os quais constam Clemente de Roma, Policarpo e Inácio. Alguns autores os dividem cronologicamente entre os pais ante-nicenos (que viveram antes do Concílio de Nicéia) e os pais pós-nicenos, que viveram depois desse concílio (CHAMPLIN, 2013, v. 5, p. 116).

*Patrologia* – ciência que estuda os escritos dos primeiros pais da igreja até João de Damasco [c. 675-749 d.C] (CHAMPLIN, 2013, v. 5, p. 116). No entanto, segundo Schaff-Herzog, “se uma distinção deve ser feita entre os dois nomes, então, a

*patrologia* se refere a história da vida externa [...] dos Pais da Igreja; e a *patrística*, aos seus ensinamentos doutrinários” (1950, v. 8, p. 385).

*Pais apostólicos* – termo atribuído por estudiosos do século dezessete aos escritores que viveram imediatamente após os fundadores da Igreja, pois acreditavam que a sua literatura havia sido produzida nos tempos apostólicos (WALKER, 2006, p. 56). De forma esses autores foram classificados como “pais”, evidentemente para que seus escritos não fossem confundidos com a literatura herética? Quatro características são sugeridas como qualificações essenciais: 1) ortodoxia substancial; 2) santidade da vida; 3) aprovação generalizada; 4) antiguidade (BROMILEY, v. 3, 2009, p. 80-81). No entanto, apesar de sua importância, esses escritos não são inspirados, ou seja, não são canônicos.

*Ortodoxia/ortodoxo* – este termo deriva do vocábulo grego *orthodoxia* (de *orthos* “certo”, e *doxa*, “opinião”), ou seja, a crença correta em contraste com a heresia ou heterodoxia. O termo só passou a ser usado no cristianismo depois do século II, devido à ameaça de conceitos gnósticos, a princípio, em seguida, ideias errôneas a respeito da divindade, como o antitrinitarismo e o rebaixamento da Pessoa de Cristo (PACKER, 2009, p. 70). Paxton (1983, p. 13-14) afirma que historicamente, os protestantes definem como ortodoxa a denominação que crê:

1. Crê na doutrina da Trindade;
2. Na divindade de Cristo;
3. No nascimento virginal;
4. Na vida sem pecado e sacrifício expiatório de Cristo sobre a cruz;
5. Na sua ressurreição corpórea e ascensão à destra do Pai;
6. Na salvação pela graça mediante a fé;
7. Na santificação pela posse do Espírito Santo;
8. No breve retorno de Cristo em glória e majestade.

Catolicismo/católico – etimologicamente, o termo “católico” tem origem grega [*katholikós*] e significa *universal*. Era com essa acepção que os pais apostólicos usavam o termo, que posteriormente foi apropriado pela Igreja Católica Romana, como também ocorreu com a Igreja Ortodoxa em relação ao vocábulo “Ortodoxa”.

## **Noções Preliminares das Diferentes Fases do Pensamento Teológico Através da História**

Neste tópico será feita a distinção entre os atores da patrística e os defensores da fé, os apologistas cristãos. Serão destacadas as suas principais obras e a importância no cenário histórico, tanto no período em que viveram, quanto na posteridade. A classificação aqui utilizada tem como parâmetro a obra de Olson (2001).

**O Período Apostólico – 31 a 100 d.C.** Este período é o que transcorre desde a fundação a Igreja Cristã até a morte do último apóstolo, João. Ele é caracterizado pelo desenvolvimento da teologia cristã, especialmente pelo apóstolo Paulo, pelas perseguições e martírio dos fiéis. Contudo, é uma era marcada por grande desenvolvimento e expansão da fé cristã, o que é facilmente percebido pelo relato de Paulo em Colossenses 1:23 “[...] não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro” (ARA).

1. **O Período Patrístico – 100 a 451 d.C.** Muitos estudantes de história da Igreja possuem alguma noção desse período, tendo em vista a popularidade do nome de seus personagens. No entanto, nem todos estão familiarizados com as particularidades de suas teologias e o papel que desempenharam. Na sequência, vamos apresentar o nome de cada um, o seu período e as principais obras e contribuições desses teólogos:

1. **Clemente de Roma (c. 35-99)**

*Principais Obras:* Carta aos Coríntios (1 Clemente)

2. **Inácio de Antioquia (c. 35-108)**

*Principais Obras:* Cartas (Epístolas) aos Efésios, Magnésios, Tralianos, Romanos, Filadélfos, Esmirniotas e a Policarpo

3. **Policarpo de Esmirna (c. 69-155)**

*Principais Obras:* Carta aos Filipenses, Martírio de Policarpo (escrito por discípulos)

4. **Justino Mártir (c. 100-165)**

*Principais Obras:* Primeira Apologia, Segunda Apologia, Diálogo com Trifão

5. **Ireneu de Lyon (c. 130-202)**

*Principais Obras:* Contra as Heresias (Adversus Haereses)

**6. Tertuliano (c. 155-240)**

*Principais Obras:* Apologeticum, De Praescriptione Haereticorum, Adversus Marcionem

**7. Clemente de Alexandria (c. 150-215)**

*Principais Obras:* Protrético, Paedagogus, Stromata

**8. Orígenes (c. 185-254)**

*Principais Obras:* De Principiis, Contra Celsum, Hexapla

**9. Cipriano de Cartago (c. 200-258)**

*Principais Obras:* De Ecclesiae Catholicae Unitate, De Lapsis, Epístolas

**10. Atanásio de Alexandria (c. 296-373)**

*Principais Obras:* De Incarnatione Verbi Dei, Contra Arianos, Carta Festal

**11. Basílio de Cesareia (c. 329-379)**

*Principais Obras:* De Spiritu Sancto, Homilias sobre a Criação

**12. Gregório de Nazianzo (c. 329-390)**

*Principais Obras:* Orationes Theologicae, Cartas

**13. Gregório de Nissa (c. 335-395)**

*Principais Obras:* Vida de Moisés, Contra Eunômio, Catechetical Oration

**14. João Crisóstomo (c. 347-407)**

*Principais Obras:* Homilias sobre Mateus, Homilias sobre João, Sobre o Sacerdócio

**15. Agostinho de Hipona (354-430)**

*Principais Obras:* Confissões, A Cidade de Deus, De Trinitate

**16. Jerônimo (c. 347-420)**

*Principais Obras:* Tradução da Vulgata, Comentários Bíblicos, Contra Joviniano

**17. Ambrósio de Milão (c. 339-397)**

*Principais Obras:* De Officiis Ministrorum, De Spiritu Sancto, Exameron

**2. O Período Apologético – 100 a cerca do 2º século d.C.** Nem todos os personagens da patrística foram apologistas propriamente dito, tendo em vista que as apologias foram defesas da fé operadas por importantes membros da comunidade

cristã. Eram indivíduos respeitados e que, por isso, poderiam ser ouvidos pelas autoridades de então. Eles estão listados de acordo com o período e as obras mais contundentes.

1. **Justino Mártir (c. 100-165)**

*Principais Obras:* Primeira Apologia, Segunda Apologia, Diálogo com Trifão

2. **Tertuliano (c. 155-240)**

*Principais Obras:* Apologeticum, De Praescriptione Haereticorum, Adversus Marcionem

3. **Taciano (c. 120-180)**

*Principais Obras:* Discurso aos Gregos, Diatessaron

4. **Atenágoras de Atenas (c. 133-190)**

*Principais Obras:* Súplica em Favor dos Cristãos, Sobre a Ressurreição dos Mortos

5. **Teófilo de Antioquia (c. 120-190)**

*Principais Obras:* Ad Autolyicum

6. **Minúcio Félix (c. 160-250)**

*Principais Obras:* Octavius

7. **Aristides de Atenas (c. 2º século)**

*Principais Obras:* Apologia de Aristides

8. **Melito de Sardes (c. 2º século)**

*Principais Obras:* Apologia ao Imperador Marco Aurélio, Homilias Pascal.

## **Panorama da Teologia Apostólica**

- a) Marcada pela fidelidade aos ensinamentos de Cristo
- b) Norteada pelos princípios éticos morais elevados
- c) Fortemente caracterizada pelo espírito missionário

### **a) A Teologia do Período Apostólico foi marcada pela fidelidade aos ensinamentos de Cristo**

Os primeiros cristãos acreditavam que o tempo e o lugar do nascimento do Messias não foram deixados ao acaso. Paulo observou: “vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gálatas 4.4 - ARA). Gonzáles (2011, p. 18) comenta, “O mesmo pode ser dito do nascimento da

igreja, que é o resultado da obra de Jesus. Deus havia preparado o caminho para que os discípulos, uma vez recebido o poder do Espírito Santo, pudessem ser suas testemunhas [...] (At 1.8)”.

No sermão da montanha o Senhor Jesus estabeleceu a *constituição* do novo reino. Os Seus ensinamentos foram marcados pela ampliação dos preceitos que já existiam no Antigo Testamento, mas agora, ao declarar: *eu, porém vos digo*, Ele foi além da letra da lei antiga e estabeleceu um novo molde baseado no espírito da lei, que a tornou, ao mesmo tempo que mais rígida, também, mais exequível, pois agora, os seus preceitos morais já não são praticados pelo esforço próprio, porém, impulsionados pelo amor.

Até mesmo o tempo para iniciar o Seu ministério foi indicado pela profecia, conforme Marcos registra: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.15). Essas palavras foram pronunciadas por Jesus logo depois do Seu batismo. A partir de então começou a formação da igreja, que estaria pronta para se expandir quando o Espírito Santo a habilitasse no dia de Pentecostes.

E essa relação de amor, graça e lei foi analisada por Paulo, que realçou a obediência pela fé, impulsionada pela ação da graça. Frequentemente ele exortava à igreja a obedecer a lei de Cristo: “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6.2). Enquanto a igreja permanecesse leal à lei de Cristo, ela seria vitoriosa.

### **b) Norteadada pelos princípios éticos morais elevados**

Tendo em vista a sua fidelidade a Cristo, a igreja padeceria perseguição. Porém, não sem ser advertida pelos escritores inspirados do Novo Testamento: “Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3.12). E no Apocalipse João adverte à igreja de Esmirna de que alguns seriam lançados na prisão e postos à prova, mas ele os incentivava com as palavras: “sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2.10).

Essas perseguições estiveram presentes durante a militância da igreja primitiva, mas de modo algum a impediu de proclamar o Evangelho, conforme a ordem de Cristo. Ela se demonstrou leal moralmente, espiritualmente e missiologicamente. Esse espírito deveria acompanhá-la até a era patrística, fato

testemunhado por Tertuliano que proferiu a famosa frase relacionada àqueles crentes: “O sangue dos mártires é a semente dos cristãos” (CHRISTIAN HISTORY INSTITUTE).

Em 2 Timóteo 2.2 Paulo exorta Timóteo a conservar os princípios elevados de conduta que devem nortear as ações de um verdadeiro líder cristão: “E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros”. Neste verso são mencionadas quatro gerações de líderes de alto padrão de conduta:

- 1) A primeira geração - apostólica (na qual Paulo está incluído)
- 2) A segunda geração - Timóteo, como discípulo de Paulo
- 3) A terceira geração – homens fiéis e idôneos
- 4) A quarta geração – os outros que são instruídos pela geração anterior

O texto de Paulo a Timóteo é uma demonstração de que Deus não deixaria a Sua igreja sem testemunhas fiéis na condução de Sua obra salvífica. Em cada geração o legado da verdade bíblica foi transmitido por testemunhas fiéis, ainda que os próprios apóstolos tenham advertido quanto a introdução da apostasia (Atos 20.29-30; 2Tm 2.3).

### **c) Fortemente caracterizada pelo espírito missionário**

A ordem para divulgar o Evangelho veio do próprio Senhor Jesus: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19). Em seguida Ele fez a promessa de que estaria com a Sua igreja através dos tempos até a consumação do século, e ela não deveria olvidar o fato de que todas as coisas ordenadas por Ele deveriam ser ensinadas (verso 20).

No dia da ressurreição, Cristo encontrou uma igreja desencorajada e tímida. Na estrada de Emaús, ao caminhar com dois discípulos, Ele os remeteu aos textos messiânicos do Antigo Testamento: “São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lucas 24.44). Com isso, diz Lucas, “Ihes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras” (verso 45). Lucas, utilizando a forma verbal *dianoigo* (abrir), demonstra como o Senhor Jesus descortinou para os discípulos o “mistério” em torno de Sua obra salvífica. O Senhor:

- 1) Abriu os seus olhos, para que eles O reconhecessem (Lc 24.31)
- 2) Abriu as Escrituras para que dessem crédito ao que está escrito (V. 32)
- 3) Abriu o entendimento para desenvolver neles a convicção (45)

Dois acontecimentos transformaram a disposição dos discípulos:

1. A certeza da ressurreição do Senhor,
2. seguida pela grande comissão, e o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes (Atos 2).

Depois desses dois fatos, os apóstolos, mesmo enfrentando perseguições, puderam afirmar corajosamente: “Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens” (Atos 5.29). Eles fizeram essa afirmação depois da ameaça do Sinédrio: “Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome; contudo, enchestes Jerusalém de vossa doutrina” (verso 28).

Esse espírito missionário atravessou a era apostólica e animou a igreja patrística a enfrentar com valentia a oposição do governo de Roma. Os primeiros pais apostólicos foram figuras direta ou indiretamente ligadas aos apóstolos, como foi o caso de Clemente de Roma, Policarpo e Inácio. Tendo em vista a longa lista de escritores da patrística, estudaremos a respeito da teologia desses três pais apostólicos, no entanto, apresentaremos sugestões para o estudo dos demais escritores.

### **Semelhanças e Contradições Relativas à Teologia Apostólica na Teologia Patrística**

Com o fim da era apostólica o cristianismo já podia contar com os documentos deixados pelos escritores do Novo Testamento, além dos escritos extra canônicos e os chamados apócrifos. A teologia apostólica estava fundamentada nas seguintes proposições:

- a) Na doutrina trinitariana (Mt 3.16-17; 28.19; Jo 1.1-3, 14; of At 5:3-4; 1Co 12.4-6; 2Co 13.13; Ef 4.4-6, etc.);
- b) Na divindade de Cristo (Jo 1.1-3, 14; 20.28; Fp 2.5-7; Cl 2.9; Tt 2.13, etc.);
- c) No nascimento virginal (Mt 1.21, 23; Lc 1.31, etc.);
- d) Na vida sem pecado e sacrifício expiatório de Cristo na cruz (Jo 1.14; 8.46; Rm 7.25; Hb 4.14-16, etc.);

- e) Na ressurreição corpórea e ascensão à destra do Pai (Mc 16.6, 19; Lc 245-6; Jo 14.9; At 1.9-11; Rm 6.5-6; 1Co 15.20; 1Ts 4.14, etc.);
- f) Na salvação pela graça mediante a fé (At 15.11; 20.32; Rm 3.24; 4.16; 5.15-21; etc.);
- g) Na santificação pela posse do Espírito Santo (Jo 17.17; 1Co 1.2-3; 6.11; Fp 2.13; Ef 1.4; Gl 5.19-25; Hb 12.14, etc.);
- h) No breve retorno de Cristo em glória e majestade (Mt 24.30, 42; 25.31; Lc 21.27; At 1.11; 4.16-17; 1Jo 3.2; 2Pe 3.10; Ap 1.7; 22.20; etc.).

Reflexos desses ensinamentos são vistos na vida e obras dos apóstólicas, de maneira peculiar em Clemente de Roma e Policarpo, dois personagens que tiveram contato direto com os cristãos da primeira geração. Clemente com Paulo, e Policarpo, com João.

Em relação a Clemente de Roma, muitos estudiosos acreditam ser a pessoa mencionada por Paulo em Filipenses 4.3. Como líder de Roma, Clemente se preocupou com a crise da igreja de Corinto e enviou uma carta de exortação. Esse fato foi documentado por Eusébio e Orígenes. Eusébio (CHURCH HISTORY, Book III, Chapter 16) registrou:

Existe uma epístola deste Clemente que é reconhecida como genuína e é de considerável extensão e de notável mérito. Ele a escreveu em nome da igreja de Roma à igreja de Corinto, quando uma sedição surgiu nesta última igreja. Sabemos que esta epístola também foi usada publicamente em muitas igrejas, tanto em tempos antigos quanto em nossos próprios dias.

### **1. Semelhança com a teologia apostólica**

Um dos temas abordados por Clemente e que encontra eco na teologia apostólica é a natureza da justificação. Ele harmoniza Tiago com Paulo em seus arrazoados. A evidência da justificação do crente não é simplesmente atestada pelo que ele diz, porém, pelo que põe em prática na vida. Uma mera profissão de fé não tem sentido se não for sustentada pelos frutos de uma existência justa. Com esta argumentação, ele apoia ao pensamento de Tiago (2.14-18).

No entanto, a sua teologia também reflete a doutrina da justificação pela fé em Cristo, conforme desenvolvida pelo apóstolo Paulo, pois, para Clemente, a base da justificação está unicamente na graça de Deus através da fé em Cristo. Dessa

maneira, Clemente distingue a **raiz** da justificação (a graça adquirida pela fé) dos seus **frutos** (as boas obras). Nos textos seguintes há um esboço da teologia de Tiago e de Paulo, demonstrando a harmonização entre ambas:

Vamos nos apegar, então, àqueles a quem a graça foi dada por Deus. Revestimo-nos de concórdia e humildade, sempre exercendo domínio próprio, afastando-nos de todos os sussurros e maledicências, sendo justificados por nossas obras, e não por nossas palavras. Pois [a Escritura] diz: Quem fala muito, também ouvirá muito em resposta. E aquele que está pronto para a palavra se considera justo? Bem-aventurado aquele que é nascido de mulher, que vive pouco tempo: não se dê a falar muito. Que nosso louvor seja em Deus, e não de nós mesmos; pois Deus odeia aqueles que se recomendam. Que o testemunho de nossas boas ações seja dado por outros, como foi no caso de nossos antepassados justos (CHURCH HISTORY, Book III, Chapter 30).

Na citação acima é perceptível o apoio à teologia de Tiago, porém, poderia dar a impressão de uma teologia legalista, uma soteriologia baseada em obras meramente humanas se não for encarada tendo como pano de fundo os seus argumentos em apoio à teologia paulina:

Todos estes [os patriarcas], portanto, foram altamente honrados e engrandecidos, não por si mesmos, ou por suas próprias obras, ou pela justiça que praticaram, mas pela operação de Sua vontade. E nós também, sendo chamados pela sua vontade em Cristo Jesus, não somos justificados por nós mesmos, nem por nossa própria sabedoria, nem entendimento, nem piedade, nem obras que fizemos em santidade de coração; mas por aquela fé pela qual, desde o princípio, Deus Todo-Poderoso justificou todos os homens; a quem seja a glória para todo o sempre. Amém (CHURCH HISTORY, Book III, Chapter 31).

Em relação a Policarpo de Esmirna, há importantes informações biográficas que o ligam ao apóstolo João. Ele foi amigo de Inácio, que também foi martirizado, companheiro de Papias, mestre de Irineu e, acima de tudo, discípulo de João. Em um importante documento, do qual não se duvida da genuinidade, “O martírio de Policarpo”, há detalhes da sua morte. No trecho em que ele é interrogado pelo procônsul, percebe-se uma identificação com a teologia apostólica:

E quando ele se aproximou, o procônsul perguntou-lhe se ele era Policarpo. Ao confessar que sim, [o procônsul] procurou persuadi-lo a negar [a Cristo], dizendo: Respeitai a vossa velhice e outras coisas semelhantes, de acordo com o costume deles, [como], Jurai pela fortuna de César; arrependa-se e diga: Fora com os ateus. Mas Policarpo, olhando com um semblante severo para toda a multidão de pagãos ímpios então no estádio, e acenando com a mão para eles, enquanto com gemidos olhava para o céu, disse: Fora com os ateus. Então, o procônsul insistindo com ele, e dizendo: Jure, e eu o libertarei, afronte a Cristo; Policarpo declarou: Oitenta e seis anos o sirvo, e

ele nunca me fez mal algum: como, pois, posso blasfemar contra o meu rei e o meu Salvador? (CHURCH HISTORY, Book III, Chapter 9).

Uma importante declaração encontrada no documento, “The Martyrdom of Polycarp”, demonstra a proximidade dos seus ensinamentos com o apostólico: “Ele não foi apenas um professor ilustre, mas também um mártir preeminente, cujo martírio todos desejam imitar, como tendo sido totalmente consistente com o Evangelho de Cristo” (CHURCH HISTORY, Book III, Chapter 19).

Outro pioneiro da era patrística foi Inácio de Antioquia, que, devido à sua fé em Cristo foi preso e levado para Roma por uma escolta armada. Durante a viagem ele escreveu sete cartas para várias igrejas. Nessas cartas podem ser observados os lampejos da sua teologia, eclesiologia e compromisso com a fé cristã. Nesta seção, vamos apresentar as cartas que são corroborativas da teologia apostólica, e na seção seguinte, àquelas que revelam modificações relacionadas à doutrina apostólica:

### 3. Carta aos Tralianos:

**Teor:** Nesta carta, Inácio adverte contra as heresias, especialmente o docetismo, que negava a humanidade de Cristo. Ele insiste na importância da unidade com o bispo e o clero e exorta os cristãos da Trália a viver em santidade e amor fraternal.

### 4. Carta aos Romanos:

**Teor:** A carta aos Romanos é única, pois Inácio expressa seu desejo de não ser impedido de sofrer o martírio em Roma. Ele pede aos cristãos romanos que não interfiram no seu destino, expressando um profundo desejo de ser um “pão de Deus” através do martírio. Inácio também expressa sua crença na importância do sofrimento por Cristo. Ele considerou que o seu martírio seria mais importante do que a sua pregação, por isso, voluntariamente se deixou martirizar, ainda que houvesse várias oportunidades de escapar do martírio.

### 5. Carta aos Filadélfios:

**Teor:** Inácio exorta os cristãos de Filadélfia a permanecerem unidos ao bispo e a evitarem divisões. Ele adverte contra aqueles que promovem

cismas e heresias e reitera a importância da eucaristia como meio de manter a unidade na fé cristã.

#### 6. **Carta aos Esmirniotas:**

**Teor:** Nesta carta, Inácio condena o docetismo, defendendo a verdadeira encarnação, paixão e ressurreição de Cristo. Ele exalta a autoridade do bispo e adverte contra aqueles que se afastam da fé ortodoxa. Inácio também enfatiza a importância da eucaristia, referindo-se a ela como "remédio de imortalidade".

#### 7. **Carta a Policarpo, Bispo de Esmirna:**

**Teor:** Esta carta é diferente das outras, pois é dirigida especificamente a Policarpo, um bispo companheiro. Inácio o encoraja a ser firme na liderança de sua igreja e a continuar a proteger o rebanho contra heresias. Ele também dá conselhos sobre como lidar com várias questões pastorais e exorta Policarpo a ser um exemplo para os outros.

Inácio foi martirizado em Roma entre os anos 98 e 117 d.C. Assim como Clemente de Roma e Policarpo, ele também teve contato com a geração apostólica, conforme Liébaert (2000, p. 25), "segundo bispo da metrópole cristã de Antioquia depois dos apóstolos". Na carta aos magnésios, colocada na próxima seção, há compatibilidade com a doutrina apostólica. Ele exorta aos crentes:

- a) A se manterem firmes na doutrina da verdade;
- b) A não cederem às falsas doutrinas;
- c) Que "creiam muito perseverantemente no nascimento, paixão e ressurreição, que tomou lugar durante a gestão do procurador Ponciu Pilatos. Esses fatos são reais e estabelecidos por Jesus Cristo, nossa esperança. Que Deus garanta que nenhum de vós esqueça disso" (LETTER TO MAGNESIANS, Chapter 11).
- d) [...] "Estudai, portanto, para serdes estabelecidos nas doutrinas do Senhor e dos apóstolos, para que todas as coisas, seja o que for que fizerdes, prosperem tanto na carne como no espírito; na fé e no amor; no Filho, no Pai e no Espírito" (THE EPISTLE OF IGNATIUS TO THE MAGNESIANS. Chapter 13).

## 2. Contradição com a teologia apostólica

Essas cartas são fundamentais para entender a estrutura e a teologia de Inácio, especialmente em relação à autoridade episcopal, à eucaristia, e à defesa contra heresias. Elas revelam algumas modificações em relação à teologia apostólica e que, com o passar dos anos se agigantariam para serem incorporadas às doutrinas da igreja estatal da Idade Média.

### 1. Carta aos Efésios:

**Teor:** Inácio elogia a fé dos cristãos de Éfeso e destaca a importância da unidade na igreja, principalmente em torno do bispo. Ele exorta os efésios a permanecerem firmes contra heresias e a seguir o exemplo de Jesus Cristo. A carta também discute a importância da obediência ao bispo e ao clero. No entanto, alguns estudiosos veem nesta carta um precursor do colegiado católico e sua hierarquia.

### 2. Carta aos Magnesianos:

**Teor:** Inácio encoraja a igreja em Magnésia a manter a unidade sob a liderança do bispo, dos presbíteros e diáconos. Ele discute a importância de viver uma vida cristã autêntica e alerta contra as influências do judaísmo e do paganismo. A carta enfatiza a obediência ao bispo como representante de Deus. Porém, muito embora a igreja primitiva tenha sido perseguida pelos líderes judeus, o antijudaísmo dentro do cristianismo reverteria o quadro persecutório quando a igreja se tornasse estatal, ou seja, o cristianismo perseguiria ao judaísmo.

### 6. Carta aos Esmirniotas:

**Teor:** Nesta carta, Inácio condena o docetismo, defendendo a verdadeira encarnação, paixão e ressurreição de Cristo. Ele exalta a autoridade do bispo e adverte contra aqueles que se afastam da fé ortodoxa. Inácio também enfatiza a importância da eucaristia, referindo-se a ela como "remédio de imortalidade". Possivelmente essa ênfase pode ter sido mais um protótipo que levaria à teologia da transubstanciação.

Há outros autores que entraram em contradição com a teologia apostólica em alguns aspectos, mesmo aqueles que são reconhecidos pela sua fidelidade ao evangelho, mas que erraram em alguma faceta particular da doutrina. Entre esses estão o próprio Clemente de Roma, pois a sua ênfase na sucessão apostólica e na autoridade eclesiástica foi mais tarde utilizada para apoiar a centralização do poder da Igreja de Roma.

Justino Mártir, um dos primeiros apologistas cristãos, ainda que defensor da fé, tentou harmonizar a filosofia grega, de forma particular o platonismo, com o cristianismo que, segundo o teólogo católico Garcia Rubio (2014) abriu as portas para a aceitação do dualismo antropológico. Ladd (2002, p. 217) afirma que o dualismo estava profundamente enraizado no pensamento grego, tanto filosófico quanto religioso, e que não é difícil verificar esse fato, bastando examinar a sua literatura. Ele destaca o filósofo Platão, o literato Plutarco e o judeu Filo.

Rubio (2014, p. 96, 97, 110, 111, 8, 319) argumenta que a visão dicotômica do ser humano que separa espírito e matéria, também faz, por consequência, uma dicotomia com tendência reducionista entre a fé e a vida cotidiana, fé e política, entre o divino e o humano, entre a teoria e a práxis, e assim por diante. Ele realça o problema que afeta o agir católico, tendo em vista os desafios oferecidos pelo mundo dos marginalizados e empobrecidos. O ponto de vista holístico do ser humano provê uma reação à atomização dos objetos e do ser humano convertido em objeto, “levado a cabo pela ciência moderna”. Ele afirma que o dualismo está na base dos movimentos sem compromisso social e que “globalmente considerada, a Sagrada Escritura pressupõe uma visão unitária de ser humano”. Nessa perspectiva, o ser humano como um todo deve ser considerado e cuidado, tanto nas suas necessidades exteriores quanto interiores. Ela ajuda a derrubar os obstáculos postos na cultura humana pela dominação da concepção dualista.

Ireneu de Lyon, outro influente apologista da fé cristã que combateu o gnosticismo, com a sua defesa da sucessão apostólica e da tradição como autoridades interpretativas das Escrituras contribuiu para o desenvolvimento da doutrina da Igreja Católica, que alguns teólogos consideraram como um desvio da

prática apostólica original. Outros respeitáveis pais apostólicos poderiam ser citados, como é o caso de Tertuliano. “O montanismo floresceu em Cartago [...] Alguns cristãos na liderança, incluindo-se o próprio Tertuliano, desviaram-se para ele algumas vezes” (OLSON, 2016, p. 85).

### **INDICAÇÃO DE VÍDEO:**

[Uma exposição sobre a origem e desenvolvimento do cristianismo, as perseguições, expansão e triunfo. Assista o vídeo: **A História do Cristianismo. Episódio 01**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1tLkTFcrTn4>]

### **LEITURA COMPLEMENTAR**

A fim de conhecer mais detalhes sobre a relação da teologia patrística com a apostólica, ler o artigo em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/59553/59553.PDF>. JUNIOR, Acyr de Gerone. *A centralidade das Escrituras Sagradas nos Pais da Igreja. ATeo, Rio de Janeiro, v. 26, n. 69, p. 227-247, jan./jun.2022.*

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta primeira UNIDADE verificou-se a fidelidade da era apostólica aos ensinamentos bíblicos, pois os apóstolos, baseados nos ensinamentos de Cristo e na Sua interpretação das Escrituras do Antigo Testamento, lançaram os pilares teológicos do Novo Testamento; foi estudada a herança apostólica nos pais da Igreja, alguns dos quais tiveram contato direto com os fundadores, como foi o caso de Clemente de Roma, Policarpo e Inácio. Grande parte da faceta teológica dos apóstolos é encontrada na contribuição literária dos mentores da patrística, homens leais que renderam a vida em prol do evangelho. No entanto, pequenos desvios doutrinários aparecem na literatura de alguns deles e que se tornariam a base para a aquiescência de doutrinas estranhas à teologia apostólica. Na unidade seguinte, estudaremos a teologia que norteou a era patrística e apologética, suas contribuições, motivações e argumentos.

### **HORA DE REVISAR**

A História da Teologia tem como objetivo examinar o desenvolvimento do pensamento teológico através dos séculos desde que a Igreja foi fundada. A teologia apostólica foi profundamente arraigada nos ensinamentos de Jesus Cristo e a na Sua

interpretação do Antigo Testamento, particularmente nos textos messiânicos. A partir dessa perspectiva foi estabelecida a ortodoxia cristã, cuja base são as Sagradas Escrituras. Depois da era apostólica ainda podiam ser contempladas as doutrinas ensinadas pelos apóstolos na literatura patrística.

No entanto, pequenos erros doutrinários começaram a ser introduzidos por alguns pais apostólicos e que afetariam o pensamento teológico das gerações seguintes. Contudo, as novas gerações deveriam levar em consideração as injunções de Paulo em 2 Timóteo 2.2: “E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros”.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada** (J. Ferreira de Almeida, Trad.). (2002). Sociedade Bíblica do Brasil.

\_\_\_\_\_: **Nova Almeida Atualizada** (J. Ferreira de Almeida, Trad.). (2017). Sociedade Bíblica do Brasil.

BROMILEY, G. W. Pais da Igreja. In: Walter Elwell, ed. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. 3 vol. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos**: Uma história da igreja cristã. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CARIAS, CELSO PINTO. **Teologia para todos**: Manual de Iniciação Teológica. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. 11. ed. 6 v. São Paulo: Hagnos, 2013.

CHRISTIAN HISTORY INSTITUTE. “See how these Christians love one another”. Disponível em <https://christianhistoryinstitute.org/magazine/article/see-how-these-christians-love#:~:text=Tertullian%20believed%20that%20Christianity%20would,the%20seed%20of%20the%20church.%E2%80%9D>. Acesso em 21 ago. 2024.

CHURCH HISTORY (Book III). In: New Advent. Chapter 16. “The Epistle of Clement”. Disponível em <https://www.newadvent.org/fathers/250103.htm>. Acesso em 14 ago. 2024.

\_\_\_\_\_. (Book III). In: New Advent. Chapter 30. “The Epistle of Clement”. Disponível em <https://www.newadvent.org/fathers/250103.htm>. Acesso em 14 ago. 2024.

\_\_\_\_\_ (Book III). In: New Advent. Chapter 31. "The Epistle of Clement". Disponível em <https://www.newadvent.org/fathers/250103.htm>. Acesso em 14 ago. 2024.

\_\_\_\_\_ (Book III). In: New Advent. Chapter 9. "The Martyrdom of Polycarp". Disponível em <https://www.newadvent.org/fathers/0102.htm.htm>. Acesso em 14 ago. 2024.

\_\_\_\_\_. In: New Advent. Chapter 11. Letter to Magnesians. "I write these things to warn you". Disponível em <https://www.newadvent.org/fathers/0105.htm>. Acesso em 14 ago. 2024.

\_\_\_\_\_. In: New Advent. Chapter 13. "The Epistle of Ignatius to the Magnesians". Disponível em <https://www.newadvent.org/fathers/0105.htm>. Acesso em 21 ago. 2024.

GONZÁLES, J. L. **História ilustrada do cristianismo: A era dos mártires até a era dos sonhos frustrados**. 1. v. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GRENZ, GURETZK, NORDLING. **Dicionário de Teologia**. São Paulo: Vida, 2000.

LADD, G. E. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2002.

LIÉBAERT, J. Os Padres da Igreja: séculos I-IV. São Paulo: Loyola, 2000.

OLSON, R. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Vida, 2001. (10. reimp. 2016).

PACKER, J. I. Ortodoxia. In: Walter Elwell, ed. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. 3 vol. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PAXTON, GEOFFREY, J. **O abalo do adventismo**, Rio de Janeiro: Juerp, 1983.

RUBIO, A. G. **Unidade na pluralidade: O ser humano à luz da reflexão cristã**. São Paulo: Paulus. (7. reimp. 2014).

SCHAFF, PHILIP. **The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge**, 13 vol. Michigan: Grand Rapids, 1950.

WALKER, W. **História da igreja cristã**. 3. ed. São Paulo: Aste, 2006.

Sumário

## **UNIDADE 2 - - A TEOLOGIA QUE NORTEOU A ERA PATRÍSTICA E APLOGÉTICA**

### **Objetivos:**

- **Examinar os mais relevantes pais apostólicos e sua teologia.**
- **Analisar os apologistas mais destacados, suas motivações e argumentos.**
- **O legado da teologia patrística e apologética para as gerações futuras.**

### **Noções Preliminares**

Há razoável certeza de que os escritos do Novo Testamento estavam completos antes do fim do primeiro século depois de Jesus. A era patrística começou com os indivíduos que conheceram os apóstolos e os seus ensinamentos, e estavam interessados em produzir literatura que refletissem os ensinamentos apostólicos. De acordo com Cairns (2008, p. 60) “A maior parte das obras literárias desses autores foi produzida entre 95 e 150”.

Algumas características são bem visíveis na literatura patrística. As suas declarações são informais e simples, onde se percebe a piedade prática e sincera. Além disso, a influência da filosofia pagã é bem reduzida em relação aos documentos posteriores produzidos por Orígenes e Clemente de Alexandria, por exemplo.

Eles possuíam um grande apreço pelo Antigo Testamento, como um reflexo da postura dos próprios apóstolos, e frequentemente as suas ideias são apoiadas em sua tipologia. Por essa razão, consideravam o Novo Testamento como um cumprimento de profecias do Antigo Testamento.

Os pais apostólicos enfatizavam a doutrina, a obediência e a ética, especialmente como um estilo de vida dos líderes, que deveria nortear a sua liderança por esses princípios. Além disso, estavam bem familiarizados com a forma literária do Novo Testamento, que utilizavam como paradigma para a produção do seu material. Exemplo disso, é a Primeira Epístola de Clemente de Roma, cujo formato muito se assemelha às cartas de Paulo aos Coríntios.

Estavam preocupados com a postura e a prática pastoral, tendo em vista que os pastores e líderes eram os responsáveis por cuidar do rebanho. Por isso, dedicaram boa porção de suas obras para orientar àqueles encarregados de cuidar da Igreja de Deus.

Os apologistas, no entanto, laboraram em duas frentes: 1) Refutar as acusações falsas de ateísmo, canibalismo, incesto, preguiça e práticas antissociais; 2) Ser mais ofensivo no sentido de demonstrar através de seus escritos a superioridade do cristianismo sobre o culto do Estado, as religiões pagãs e o judaísmo.

Alguns autores distinguem os apologistas dos polemistas. Cairns (2008, p. 90) por exemplo, classifica Justino Mártir como o principal representante dos apologistas, e Irineu como a figura mais destacada dos polemistas. No entanto, a classificação mais rígida relacionada aos apologistas é questionada. Olson (2016, p. 58), por exemplo, faz a seguinte observação: “Assim como no caso dos pais apostólicos, não há concordância universal a respeito do grupo dos apologistas. A própria classificação é, naturalmente, uma invenção posterior dos historiadores e teólogos da igreja.”

Assim como os pais apostólicos, eles também tiveram que enfrentar um governo hostil, para o qual dedicaram muitos dos seus escritos. Em 177, o imperador Marco Aurélio deu incremento a uma terrível perseguição no Vale de Ródano. Olson (2016, p. 69-70) relata que a população local tratava os cristãos com requinte de crueldade. Amontoavam os cristãos em pequenos quartos sem janelas e fechavam a porta para que morressem lentamente sufocados ou lhes costuravam em peles frescas de animais, depois deixavam as pessoas expostas ao sol para que morressem de asfixia.

Ainda que expostas à perseguição como era o seu caso, os apologistas continuaram em seus esforços de tentar esclarecer às autoridades aos críticos, a verdadeira natureza do cristianismo, e, para a isso, valeram-se da filosofia grega, muito popular e respeitada pelas pessoas cultas do império.

Por essa razão, uma característica peculiar dos apologistas foi a sua abordagem, que se valia do arrazoado filosófico ao invés do teológico, procurando, inclusive, demonstrar que, como filosofia e religião, o cristianismo é ainda mais antigo

do que a praticada no império, tendo em vista que o Pentateuco é anterior às guerras de Tróia (CAIRNS, 2008, p. 90).

### **A teologia que norteou a era patrística e apologética**

A era Patrística foi um período de formação teológica do cristianismo, pois os pais da Igreja desempenharam um papel fundamental na defesa da doutrina cristã num período marcado pelas perseguições romanas. Alguns autores, como Olson (2016, p. 69), consideram os pais apostólicos os primeiros teólogos do cristianismo. No entanto, a sua teologia foi influenciada pela filosofia greco-romana, especialmente à de Platão e Aristóteles. Eles tentaram integrar a fé cristã à razão, apelando para a filosofia grega. Também se dedicaram de forma especial à moralidade crista, procurando demonstrar a sua superioridade em relação à moral pagã, tendo em vista os princípios éticos da vida virtuosa do cristianismo.

Porém, foram os apologistas que mais se valeram da abordagem filosófica na defesa do cristianismo. Eles consideravam a filosofia grega como aliada da teologia cristã, que poderia ser usada como uma ponte para a comunicação com os pagãos. Ela provia uma forma de pensamento adequada, na sua concepção, capaz de facilitar a comunicação entre os dois grupos.

Tinham como alvo de seus arrazoados, especialmente aqueles pagãos atenciosos e capazes de encarar com seriedade os seus escritos, como era o caso do imperador Marco Aurélio. Era necessário demonstrar que o cristianismo não era como as várias religiões de mistério que impregnavam o Império Romano com seus mitos, deuses que morriam e renasciam, cerimônias de iniciação que conduziam à eternidade, e ritos envolvendo o sacrifício de animais.

Além da linguagem referencial buscada pelos apologistas, eles consideraram alguns pontos comuns entre os dois segmentos, por exemplo, conforme Olson (2016, p. 57) observa: “A filosofia grega era, até certo ponto, monoteísta, não politeísta, e defendia veementemente a natureza espiritual suprema da realidade por trás das coisas visíveis.”

Além disso, a filosofia grega valorizava a vida virtuosa e ética que se interpõe entre os extremos, até mesmo construindo uma barreira contra a sensualidade extrema e o egocentrismo. Esses pontos de contato nos valores presentes nos dois

segmentos foram, aos olhos dos apologistas, a porta de entrada para demonstrar a razoabilidade do cristianismo.

## **1. Os mais relevantes pais apostólicos e as suas contribuições teológicas**

### **1.1 *Os mais relevantes pais apostólicos.***

Além de Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna e Clemente de Roma, já estudados na UNIDADE 1, podem ser destacados os seguintes pais apostólicos cujos escritos e figuras se somam ao corpo da literatura cristã primitiva, relevantes para se entender a formação e a consolidação das práticas e das doutrinas da igreja no período pós-apostólico:

#### **Papias de Hierópolis:**

**Data de Nascimento:** Cerca de 60 d.C.

**Local de Nascimento:** Hierópolis, uma cidade na antiga Frígia, hoje localizada na Turquia.

#### **Didaqué (ou Doutrina dos Doze Apóstolos):**

**Data de Composição:** Entre 50 e 120 d.C.

**Local de Composição:** A localização exata não é conhecida, mas é geralmente atribuída a comunidades cristãs primitivas na Síria ou Palestina.

#### **Epístola de Barnabé:**

**Data de Composição:** Entre 70 e 135 d.C.

**Local de Composição:** Provavelmente Alexandria, no Egito.

Há dois importantes pais apostólicos do período posterior e que deram grande contribuição para amoldar a teologia cristã, Atanásio e Agostino. Abaixo constam informações resumidas sobre Atanásio, cuja maior contribuição foi a defesa da doutrina da Trindade no Concílio de Nicéia, e Agostinho, o maior teólogo da ortodoxia cristã, analisando temas que são debatidos até hoje, como a predestinação e o livre arbítrio, ambos relacionados à salvação:

#### **Atanásio de Alexandria**

**Data de Nascimento:** Em torno de 296 ou 298.

**Local de Nascimento:** Alexandria, Egito.

## **2. Agostinho de Hipona**

**Local de nascimento:** Tagaste (atual Souk Ahras, Argélia).

**Data de Nascimento:** 13 de novembro de 354.

### ***1.2 As suas contribuições teológicas***

#### **Papias de Hierápolis:**

Bispo de Hierápolis, Papias é conhecido por suas obras que tratam de tradições orais sobre Jesus e seus ensinamentos. Ele escreveu uma obra chamada *Exposição dos Oráculos do Senhor*, da qual apenas fragmentos sobrevivem. Ele se dedicou “a estudar a vida e os ensinamentos dos apóstolos” (GOZALES, 2011, p. 33). Em *Interpretações dos Ditos do Senhor* ele registrou as informações recebidas de cristãos mais idosos que conheceram os apóstolos. Afirma que Marcos foi o intérprete de Pedro, e Mateus escreveu seu evangelho em hebraico (CAIRNS, 2008, p. 65).

#### **Didaqué (ou Doutrina dos Doze Apóstolos):**

Embora não seja atribuída a um único autor, a *Didaqué* é um dos mais antigos escritos cristãos fora do Novo Testamento. É um manual de instrução cristã que abrange temas como moralidade, liturgia e disciplina eclesiástica, refletindo a prática da igreja primitiva. Ela “fornece as normas para a distinção entre os verdadeiros e falsos profetas”, pois, estes pedem dinheiro e não praticam o que pregam (WALKER, 2006, p. 64). As divisões do livro e a sua história estão resumidos em CAIRNS, p. 66.

#### **Epístola de Barnabé:**

Esta epístola, escrita provavelmente por um cristão alexandrino (não deve ser confundida com Barnabé, o companheiro de Paulo), explora a interpretação cristã das Escrituras judaicas, especialmente como um contraste entre o cristianismo e o judaísmo. Ele transforma a tipologia do Antigo Testamento (119 citações) em alegorias, a exemplo de Filo de Alexandria que utilizou o método para tentar harmonizar a filosofia grega com o Antigo Testamento. “Esse

método tem prejudicado muito a interpretação correta da Bíblia” (CAIRNS, 2008, p. 64).

**Atanásio** (296-373 d.C.):

Defensor central da doutrina da Trindade e opositor do arianismo, que negava a divindade plena de Jesus Cristo. Participou do Primeiro Concílio de Niceia (325), onde defendeu a coessencialidade de Cristo com o Pai, ajudando a formular o Credo Niceno. Escreveu "A Vida de Santo Antão", promovendo o movimento monástico, e "Sobre a Encarnação", que aborda a doutrina da Encarnação de Cristo.

**Agostinho** (354-430 d.C.):

Influente teólogo e filósofo cristão, conhecido por suas obras sobre graça, livre-arbítrio, predestinação e o problema do mal. Autor de "Confissões", uma autobiografia espiritual sobre sua conversão, e "A Cidade de Deus", uma obra teológica e filosófica sobre a relação entre Igreja e Estado. Desenvolveu a doutrina do pecado original e a importância da graça divina para a salvação, impactando profundamente o pensamento cristão ocidental.

Esses dois últimos teólogos são considerados fundamentais para a construção da teologia e da ortodoxia cristãs. Os pais apostólicos contribuíram para a edificação de uma ponte entre os apóstolos e a ortodoxia, além de manter a Igreja unificada. É possível que os erros que cometeram tenham sido fruto das pressões causadas pelas perseguições. Porém, é preciso reconhecer que os seus escritos foram de grande valor para preservar os crentes na doutrina apostólica e na conduta recomendada pelas Sagradas Escrituras. Porém, o papel de defender a fé cristã diante das autoridades e críticos ficou a cargo dos apologistas.

Há ainda outros autores que poderiam ser mencionados, pois, fizemos apenas uma síntese dos importantes personagens do período. No entanto, é preciso realçar **O Pastor de Hermas**, pois foi o escrito extra-canônico que mais se aproximou do

cânnon e esteve prestes a entrar no Novo Testamento. Segundo Olson (2016, p. 51) “Irineu de Lião, aceitou *Hermas* como Escritura, assim como os pais do século III, Clemente de Alexandria e Orígenes. Até mesmo o grande Atanásio no século IV aceitou-o de início, embora mais tarde o tenha excluído da lista na sua carta de Páscoa em 367 [...] *O Pastor de Hermas* exerceu muita influência sobre os cristãos subapostólicos em várias partes do Império Romano”.

## **2. Os apologistas mais destacados, suas motivações e argumentos**

### **2.1 Os apologistas mais destacados**

#### **1. Justino Mártir (c. 100–165 d.C.)**

**Contexto:** Nascido na Samaria, Justino foi um dos primeiros e mais importantes apologistas cristãos. Ele se converteu ao cristianismo após explorar várias escolas filosóficas, incluindo o platonismo.

#### **2. Atenágoras de Atenas (c. 133–190 d.C.)**

**Contexto:** Pouco se sabe sobre a vida pessoal de Atenágoras. Ele era um filósofo convertido ao cristianismo e viveu em Atenas.

#### **3. Teófilo de Antioquia (c. 120–190 d.C.)**

**Contexto:** Teófilo foi o sexto bispo de Antioquia, uma das principais cidades do cristianismo primitivo. Ele é conhecido por sua obra apologética e teológica.

#### **4. Irineu de Lyon (c. 130–202 d.C.)**

**Contexto:** Irineu nasceu na Ásia Menor, provavelmente em Esmirna, e foi aluno de Policarpo, que por sua vez foi discípulo do apóstolo João. Mais tarde, Irineu tornou-se bispo de Lyon, na Gália (atual França).

### **2.2 Suas motivações e argumentos**

#### **1. Justino Mártir (c. 100–165 d.C.)**

##### **Obras Principais:**

**Apologia:** Justino escreveu duas apologias, destinadas ao imperador romano e ao Senado, defendendo o cristianismo contra as acusações de

ateísmo e subversão. Ele argumentou que a fé cristã era a verdadeira filosofia.

**Diálogo com Trifão:** Um diálogo entre Justino e um judeu chamado Trifão, onde Justino argumenta que Jesus é o Messias prometido nas Escrituras Hebraicas.

**Contribuições Teológicas:** Justino foi um dos primeiros a desenvolver a ideia do "Logos" (Palavra) como uma ponte entre a filosofia grega e a teologia cristã, identificando Jesus como o Logos divino. Ele também foi um forte defensor do papel da razão na fé cristã.

## 2. Atenágoras de Atenas (c. 133–190 d.C.)

### Obras Principais:

**Súplica em Favor dos Cristãos:** Endereçada ao imperador Marco Aurélio, esta obra defende os cristãos contra as acusações de ateísmo, canibalismo e incesto. Atenágoras argumenta que os cristãos são cidadãos leais e pessoas morais.

**Sobre a Ressurreição dos Mortos:** Nesta obra, Atenágoras apresenta uma defesa racional da ressurreição, abordando tanto argumentos filosóficos quanto teológicos.

**Contribuições Teológicas:** Atenágoras é conhecido por sua defesa da Trindade, argumentando que Deus é uma unidade composta por três pessoas distintas (Pai, Filho e Espírito Santo), e pela sua defesa da ressurreição dos mortos, afirmando que a alma e o corpo serão reunidos na vida futura.

## 3. Teófilo de Antioquia (c. 120–190 d.C.)

### Obras Principais:

**Três Livros a Autólico:** Escrita em resposta a um pagão chamado Autólico, esta obra defende o cristianismo e critica a religião pagã. Teófilo é o primeiro escritor cristão a usar o termo "Trindade" (Trias) para descrever a natureza de Deus.

**Contribuições Teológicas:** Teófilo é conhecido por suas reflexões sobre a criação, a natureza de Deus e a Trindade. Ele enfatiza a distinção entre o Criador e a criação e utiliza a ideia do Logos para explicar a revelação de Deus à humanidade.

#### 4. Irineu de Lyon (c. 130–202 d.C.)

##### **Obras Principais:**

**Contra as Heresias:** Sua obra mais famosa, que combate as doutrinas gnósticas, defendendo a fé cristã ortodoxa. Irineu argumenta em favor da continuidade e integridade da tradição apostólica e da autoridade das Escrituras.

**Demonstração da Pregação Apostólica:** Um tratado catequético que resume a fé cristã de acordo com a tradição apostólica.

**Contribuições Teológicas:** Irineu foi um defensor da doutrina da sucessão apostólica, argumentando que a verdadeira doutrina cristã foi transmitida de forma contínua desde os apóstolos através dos bispos. Ele também foi crucial no desenvolvimento da teologia do "recapitular" (ou recapitulação), onde Cristo é visto como o novo Adão que restaura a humanidade ao seu estado original.

Os apologistas desempenharam papéis fundamentais na defesa do cristianismo contra as críticas externas e na formulação das doutrinas centrais que moldaram a fé cristã nos séculos subseqüente. No entanto, se aprofundaram em utilizar a filosofia grega para explicar a teologia cristã, o que teria levado Tertuliano a fazer uma pergunta retórica: "O que Atenas tem realmente que ver com Jerusalém? Que concordância existe entre a Academia [Platônica] e a Igreja?" (OLSON, 2016, p. 55).

##### **As principais motivações dos apologistas para as suas defesas foram:**

1. Defender a fé cristã diante das autoridades e críticos: Algumas questões faziam com que os pagãos não entendessem a teologia cristã, quando ensinava a existência de um só Deus, porém, um Deus que tem um Filho que se materializou e morreu entre os homens. Os apologistas desejavam provar a

validade da fé cristã, explicando racionalmente questões como essa, e ainda demonstrando a sua equidade e benevolência para a sociedade.

2. Além de defender a fé, também combater as acusações contra os cristãos: Os cristãos eram acusados de ateísmo, porque não criam nos deuses do panteão, de imoralidade, porque comiam a carne e bebiam o sangue de Cristo, e sedição, porque faziam muitos conversos e se recusavam a prestar culto a qualquer entidade além do Deus. Os apologistas se esforçavam para refutar essas acusações, demonstrando a moralidade e o caráter pacífico dos cristãos.
3. Promover a tolerância religiosa no império: Um dos principais argumentos era que o cristianismo não representava uma ameaça ao Império Romano e que, por isso, não havia razão para persegui-lo. Nesse sentido, portanto, ele deveria desfrutar do mesmo direito que os outros grupos religiosos.

### **O legado da teologia patrística e apologética para as gerações futuras**

As condições em que o cristianismo encontrou o Império Romano, fariam o homem moderno tremer nas bases. O que hoje se considera como algo normal e civilizado, na realidade foi o resultado de uma intensa luta, uma conquista do cristianismo. Poucos imaginariam que no Império Romano era costume deixar viver apenas a primeira filha e que, normalmente, da segunda filha em diante, as meninas eram abandonadas, afogadas ou entregues às feras nas florestas. O mesmo destino era dado às crianças deficientes.

Os romanos também descartavam os próprios domésticos afetados em caso de epidemia. Era comum lançar nos rios ou jogar nas ruas e matas os entes queridos que contraíam doenças contagiosas. Basicamente, todos os costumes e modos adotados pelo mundo civilizados foram descobertos ou inventados pelos cristãos, entre esses se encontram: hospitais, orfanatos, asilos e, até mesmo instituições financeiras para preservar o patrimônio privado. Se hoje podemos viver num ambiente de liberdade civil e religiosa, em grande medida, devemos aos pais apostólicos, apologistas e escolásticos. Sem falar nas contribuições dos reformadores do século dezesseis (ver SCHMIDT, 2004). Estes dois últimos grupos serão objetos de estudo da próxima unidade.

## Os sete Concílios Ecumênicos

Os sete primeiros concílios ecumênicos ocorreram devido a ameaça à ortodoxia cristã. Eles desempenharam um papel crucial na definição das doutrinas-chaves e no combate às heresias. Abaixo você estudará sobre as decisões que contribuíram para a consolidação da ortodoxia cristã e as que compunham uma ameaça aos ensinamentos das Sagradas Escrituras:

### 1. Concílio de Niceia I (325 d.C.)

Local: Niceia, Bitínia (atual İzmit, Turquia)

**Principais Decisões:** Através dos esforços de dedicados bispos, com Atanásio, chegou-se à definição da consubstancialidade de Cristo com o Pai: O concílio afirmou que Jesus Cristo é “consubstancial” com o Pai, através do emprego do termo *homoousios*, em combate ao arianismo, que negava a plena divindade de Cristo. Outro importante feito foi a elaboração do *Credo Niceno*, que se tornou uma declaração central da fé cristã.

**Decisões controversas:** A fixação da data da Páscoa a ser celebrada no primeiro domingo após a primeira lua cheia depois do equinócio da primavera, sem levar em consideração o calendário judaico. Essa medida caracteriza um afastamento das raízes bíblicas, que deveria ser a fonte para a datação da celebração.

### 2. Concílio de Constantinopla I (381 d.C.)

Local: Constantinopla (atual Istambul, Turquia)

**Principais Decisões:** Enquanto o Concílio de Niceia se ocupou da Cristologia, o de Constantinopla, com a Pneumatologia, pois, afirmou a divindade do Espírito Santo, dessa forma, ampliando o Credo Niceno, pela afirmação de que o Espírito Santo é “Senhor e Doador da Vida”, devendo ser igualmente adorado e glorificado com o Pai e o Filho. Assim o concílio combateu o macedonianismo, que negava a divindade do Espírito Santo.

**Decisões controversas:** Nesse concílio ocorreu uma luta pelo poder. Ele afirmou a primazia de Constantinopla, declarando o bispo de Constantinopla tinha

preferência de honra após o bispo de Roma, uma decisão que causaria tensões com a Igreja Ocidental no futuro.

### 3. Concílio de Éfeso (431 d.C.)

Local: Éfeso (atual Turquia)

Principais Decisões: O concílio concluiu que, se Jesus é o Deus Homem, então Maria é *Theotokos* (“Mãe de Deus”). Essa afirmação do concílio conferiu um título usado com a finalidade de combater o nestorianismo, que separava a divindade da humanidade de Cristo, tornando-as duas pessoas distintas. Com a afirmação da união das naturezas, a divina e a humana em uma única pessoa em Cristo, o concílio condenou o Nestorianismo.

Decisões controversas: A exaltação de Maria como *Theotokos* não encontra respaldo bíblico, ainda que tenha sido considerada como ortodoxa, pois esta doutrina levou a uma veneração excessiva de Maria (*hiperdulia*), não fundamentada direta ou indiretamente nas Escrituras.

### 4. Concílio de Calcedônia (451 d.C.)

Local: Calcedônia (atual Kadıköy, Turquia)

Principais Decisões: O concílio definiu a chamada união *hipostática*, na qual Cristo é uma **única pessoa em duas naturezas**, portanto, plenamente divina e plenamente humana. De maneira simples e direta percebe-se que não há confusão, mudança, divisão ou separação. Dessa maneira, o concílio combateu o monofisismo que afirmava uma única natureza em Cristo.

Decisões controversas: As posições do concílio provocaram uma cisão, pois a fórmula calcedoniana não foi aceita por todas as igrejas do oriente, levando ao cisma com as Igrejas Orientais Ortodoxas, como a Igreja Copta e à Síria Ortodoxa.

### 5. Concílio de Constantinopla II (553 d.C.)

Local: Constantinopla

Principais Decisões: Confirmação das decisões de Calcedônia ao reafirmar as suas definições e condenação dos escritos conhecidos como "Os Três Capítulos", que eram vistos como nestorianos. "Nestório argumentou que a encarnação é a habitação mútua de duas pessoas, uma na outra: o eterno Filho de Deus e o ser humano mortal, Jesus" (OLSON, 2016, p. 226).

Decisões controversas: Com a condenação dos Três Capítulos, o concílio visava reafirmar a ortodoxia, mas esta decisão foi encarada como uma tentativa de reconciliação com os monofisitas, o que gerou novas divisões. O monofisismo entendia que Cristo, como encarnação do Filho ou o Verbo de Deus, teria uma única "natureza", a divina, e não uma composição de ambas.

## 6. Concílio de Constantinopla III (680-681 d.C.)

Local: Constantinopla

Principais Decisões: A condenação do *monotelismo*, que dizia: "embora Jesus Cristo fosse uma só pessoa integral com duas naturezas completas, porém inseparáveis, tinha uma única vontade: a divina" (OLSON, 2016, p. 309). O concílio declarou que Cristo possui duas vontades (divina e humana) em harmonia, combatendo o *monotelismo*, que afirmava uma única vontade em Cristo. O *monotelismo* foi uma tentativa de harmonizar os cristãos ortodoxos e os monofisistas

Decisões controversas: Nenhuma decisão principal deste concílio foi amplamente considerada contrária às Escrituras.

## 7. Concílio de Niceia II (787 d.C.)

Local: Niceia

Principais Decisões: O concílio restaurou a veneração de ícones ou imagens, declarando que eles podem ser **venerados**, mas não **adorados**, fazendo uma distinção entre veneração (*proskynesis*) e adoração (*latreia*), em resposta à controvérsia iconoclasta.

Decisões controversas: A veneração de ícones, embora defendida como uma prática respeitável, é condenada pelas Sagradas Escrituras que, não fazem essa

distinção, pelo contrário, proíbe todo tipo de veneração a qualquer objeto, a não ser Deus. Êxodo 20.4-6 é um longo mandamento que não deixa margem para qualquer especulação relativa à veneração de ícones.

Esses concílios foram cruciais para definir a ortodoxia cristã, pois contribuíram para a elaboração das doutrinas fundamentais sobre a natureza de Cristo, a Trindade e a Igreja. No entanto, algumas decisões como a veneração de ícones e a primazia das sedes episcopais geraram controvérsias cujos efeitos ainda são sentidos pelos debates que geram entre diferentes tradições cristãs. Com frequência essas disputas giram em torno da interpretação das Escrituras e da tradição da Igreja, especialmente em relação ao culto e à autoridade eclesiástica.

### **INDICAÇÃO DE VÍDEO:**

[Uma exposição sobre o período apologético e o posterior com o desenrolar dos Concílios Ecumênicos. Assista o vídeo: **A História da Apologética**. Disponível em: [A História da Apologética - Parte 1: até a Patrística \[Prof. Willbaldo Rupenthal Neto\] \(youtube.com\)](#)]

### **LEITURA COMPLEMENTAR**

A fim de conhecer mais detalhes sobre a relação da teologia apologética, os seus protagonistas, contribuições teológicas e argumentos favoráveis e desfavoráveis à teologia cristã, ler o artigo em <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/ephis/assets/edicoes/2021/arquivos/24.pdf>. CASTRO, Paulo Samuel Viana. *A Retórica Apologética Cristã do Segundo Século e a Utilização da Cultura Grega: destacando aproximações e distanciamentos*.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta segunda UNIDADE foi dedicada ao exame dos mais relevantes pais apostólicos e suas teologias. Evidentemente, tendo em vista o grande número de protagonistas do período e o volume de material produzido por eles, foram destacados apenas alguns. Foram estudados alguns apologistas dentre os mais destacados, suas motivações, argumentos e a influência da filosofia platônica em seus escritos. As motivações para esse uso foram apresentadas na unidade.

Os Concílios Ecumênicos trabalharam no sentido de resolver problemas teológicos da Igreja Cristã num período em que a apologética estava arrefecendo, tendo em vista a liberdade que o cristianismo passou a desfrutar a partir do Imperador Constantino. Por essa

razão, esses concílios representam a fase intermediária entre o período apologético e a era escolástica. Além disso, foi realçado o legado da teologia patrística e apologética para as gerações futuras, pois, a despeito de todas as perseguições sofridas pela Igreja primitiva, o saldo final foi o grande avanço humanitário, muito superior ao praticado no Império Romano.

## **HORA DE REVISAR**

Como afirmado em nossas considerações, a teologia trabalha com ideias relacionadas a Deus e à doutrina, e tanto o estudo da divindade quanto as questões relacionadas com ela, devem ter como pano de fundo as Sagradas Escrituras (João 5.39; 17.17; Lucas 24.25-27; Atos 24.14). Um dos problemas na argumentação patrística e que se acentuou no período apologético foi a utilização da teologia grega para explicar questões bíblicas. Embora o contexto da época demonstrasse que o caminho da argumentação filosófica fosse favorável, o legado do pensamento platônico para as gerações futura demonstrou-se problemático.

A especulação teológica também influenciou as decisões conciliares, causando divisões no cristianismo incipiente. Porém, apesar dos erros cometidos pelos antepassados da teologia cristã, há um saldo muito positivo no que se refere ao desenvolvimento doutrinal. É, no entanto, notório que sempre que a Igreja se aproximou das Sagradas Escrituras ela saiu vencedora sobre as especulações e erros teológicos. Além disso, a tenacidade e testemunho dos nossos antepassados cristãos são responsáveis pela civilidade do mundo atual.

## **REFERÊNCIAS**

BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada** (J. Ferreira de Almeida, Trad.). (2002). Sociedade Bíblica do Brasil.

CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos: Uma história da igreja cristã**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GONZÁLES, J. L. **História ilustrada do cristianismo: A era dos mártires até a era dos sonhos frustrados**. 1. v. São Paulo: Vida Nova, 2011.

OLSON, R. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Vida, 2001. (10. reimp. 2016).

SCHMIDT, Alvin J. **How Christianity Changed the World**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004.

WALKER, W. **História da igreja cristã**. 3. ed. São Paulo: Aste, 2006.

## Sumário

### **UNIDADE 3 - A Teologia da Idade Média, da Reforma e da Contrarreforma**

#### **Objetivos:**

- **Como os Concílios Ecumênicos contribuíram para a consolidação da ortodoxia cristã.**
- **Examinar o perfil da teologia escolástica, destacando seus principais representantes e a busca por harmonizar fé e razão.**
- **Explorar a teologia dos reformadores, com ênfase em Lutero, Zwinglio e Calvino, além de analisar o Concílio de Trento e a Contrarreforma.**

#### **Noções Preliminares**

Desde o seu começo, a teologia cristã passou por profundas transformações, começando na patrística, atravessando a era dos grandes concílios, durante a Idade Média, a Reforma e a Contrarreforma. Cada uma dessas fases impôs novos desafios e gerou desenvolvimentos, influenciados pelas necessidades políticas, culturais e espirituais da época. Nesta UNIDADE vamos explorar três grandes períodos do desenvolvimento teológico cristão e iremos nos concentrar em temas fundamentais que moldaram a teologia ocidental. Os objetos de estudo a serem abordados serão: a) a ortodoxia cristã consolidada pelos concílios ecumênicos; b) o desenvolvimento da teologia escolástica; c) a tentativa de harmonização entre fé e razão; d) a teologia dos reformadores, especialmente de Lutero, Zwinglio e Calvino; e) o Concílio de Trento e a Contrarreforma.

#### **Glossário**

*Semipelagiano* – Pelágio (c. 360-435) entendia que o ser humano não nasce pecador, mas moralmente neutro. Por isso, o cristão pode alcançar a santidade pelos próprios esforços. O semipelagianismo entende a salvação como uma combinação do poder divino com o esforço humano. Ao passo que, biblicamente, a salvação é operada inteiramente pela graça de Cristo.

*Consubstancialidade* – de Cristo com o Pai, ou seja, da mesma substância (hipóstase) do Pai.

## **1. Como os Concílios Ecumênicos contribuíram para a consolidação da ortodoxia cristã**

### **1.1. A Ortodoxia Cristã e os Concílios Ecumênicos**

Como observado até o momento, a teologia produzida no período patrístico visava preservar a Igreja de desvios doutrinários e fornecer instruções de caráter moral e espiritual. No período apologético, para defender a igreja de falsas acusações e justificar a sua existência como uma corporação religiosa responsável e respeitável. Porém, na era dos grandes concílios, o cristianismo gozava de relativa liberdade e podia discutir assuntos teológicos mais complexos que acabaram gerando conflitos e resultando em divisões internas. “O método adotado para a resposta a essas diferenças fundamentais de interpretação da Bíblia foi a realização de concílios ecumênicos ou universais” (SUANA, 2006, p. 49).

Se em muitos aspectos eles favoreceram a abordagem bíblica, em outros, eles a depreciaram. A princípio foram convocados pelo imperador com o fim de promover a unidade, o que não deixa de ser um esforço político. “No decurso dos séculos, a lei canônica católico-romana veio a estipular que um concílio ecumênico devia ser convocado pelo papa e representar devidamente as dioceses da Igreja Romana” (RAUSH, 2009, p. 320).

Os concílios ecumênicos foram fundamentais para a consolidação da ortodoxia cristã, como visto na UNIDADE I, tendo em vista os estudos e acordos que chegaram à sua definição para a fé cristã: a crença na doutrina da Trindade; na divindade de Cristo; no nascimento virginal; na vida sem pecado e sacrifício expiatório de Cristo sobre a cruz; na sua ressurreição corpórea e ascensão à destra do Pai; na salvação pela graça mediante a fé (especialmente em relação à fé protestante. A Igreja Católica, desde o Concílio de Trento, optou por uma abordagem semipelagiana); na santificação pela posse do Espírito Santo; no breve retorno de Cristo em glória e majestade (PAXTON, 1983, p. 13-14)).

Os concílios eram chamados ecumênicos, pois pretendiam abarcar toda a *ecumene*, ou seja, a Igreja espalhada por todo o mundo de então. Líderes religiosos de diversas partes do mundo eram convocados, porque os concílios procuravam estabelecer uma unidade doutrinária em resposta a diversas heresias que iam

surgindo ao longo dos primeiros séculos da era cristã. Entre os mais importantes estão o Concílio de Niceia (325), que definiu a consubstancialidade de Cristo com o Pai, e o Concílio de Calcedônia (451), que estabeleceu a doutrina das duas naturezas de Cristo.

Um aspecto importante que demonstra a singularidade desses concílios é a sua aceitação pelos diferentes grupos cristãos. A Igreja Católica aceita vinte e um desses concílios como ecumênicos, as Igreja copta, síria e armênia, apenas os primeiros três da lista católico-romana, a maioria dos protestantes e a Igreja Ortodoxa Oriental, aceitam os sete primeiros (RAUSH, 2009, p. 320). Portanto, eles constituíram um elo de ligação entre o período anterior de defesa da fé e o período posterior no qual se desenvolveu o escolasticismo

## **1.2. Os Resultados dos Concílios para a Teologia Cristã Medieval**

A teologia medieval foi influenciada pelos decretos dos concílios ecumênicos, porque as doutrinas estabelecidas nesses encontros lançaram as bases da ortodoxia cristã, que norteou o pensamento teológico da Idade Média. A formulação da doutrina trinitária, a natureza de Cristo e a relação entre fé e obras foram temas debatidos e definidos nesses concílios, consolidando um alicerce para o desenvolvimento teológico subsequente.

## **1.3. A Consolidação da Ortodoxia Cristã**

Os Concílios Ecumênicos resolveram muitas questões fundamentais que haviam sido motivos de debate. Porém, ainda restavam várias questões no terreno teológico-filosófico que suscitavam apreciação. Sem o aval das Sagradas Escrituras, torna-se fácil enveredar para o campo da especulação e torna ainda mais complexo os critérios para determinar o que significa, na verdade, a ortodoxia.

Na fase posterior aos concílios, a era escolástica, novos debates ocorreriam na tentativa de encontrar a condição de cumprimento absoluto de todas as decisões, preceitos e ideais de certo padrão rigoroso e rígido, tradicionalmente considerado correto e, por isso, dogmático que, enfim resultaria na ortodoxia. Para os pensadores ortodoxos da era escolástica, a visão apresentada pela ortodoxia é, logicamente, tida como a única correta, pois estava baseada em princípios metafísicos e científicos

evidenciados pela racionalidade da filosofia grega. Por isso, desenvolveram suas argumentações com a finalidade de alcançar esse objetivo.

Tendo em vista que a ortodoxia é a ideia da crença ou religião correta, a ortopraxia é a prática correta dessa crença ou religião. Etimologicamente, o termo ortopraxia se originou a partir da junção dos vocábulos *óρθos*, que significa “reto”, e *praxe*, que quer dizer “prática”.

Se no período da escolástica católica romana, já havia dificuldade entre os seus representantes para harmonizar os seus conceitos, como definir precisamente a ortodoxia e ortopraxia na atualidade em meio a um emaranhado de conceitos divergentes, conforme encontrados nas grandes denominações cristãs, todas professando ortodoxia, enquanto, ao mesmo tempo, diferenciando umas das outras em questões fundamentais?

## **2. Exame do perfil da teologia escolástica, seus principais representantes e a harmonização entre fé e razão.**

### **2.1. A Escolástica: Definição e Contexto Histórico**

Os escritos patrísticos foram produzidos para incentivar os cristãos perseguidos a se manterem firmes na fé, para orientar a liderança a não declinar dos elevados padrões éticos e espirituais do evangelho. A literatura apologética, produzida por conceituados representantes da fé cristã, como o filósofo Justino Mártir, valeu-se da filosofia grega, particularmente, platônica, para justificar, às autoridades imperiais, a existência do cristianismo como religião coerente, pacífica e não ameaçadora para o governo de Roma.

Por outro lado, a escolástica se desenvolveu num ambiente de relativa liberdade de seus principais representantes, que, sem a pressão das perseguições, mergulharam mais profundamente em questões complexas da fé cristã. No entanto, seguindo o paradigma da era anterior, que se valia dos conceitos de Platão, ainda o fizeram lançando mão da filosofia grega para explicar a teologia. Com a redescoberta dos escritos de Aristóteles, os escolásticos passam a trabalhar, utilizando essas duas escolas de pensamento.

A escolástica ocorreu em duas etapas distintas, a católica romana e a protestante, no entanto, os mais destacados representantes se encontram no primeiro grupo, como é o caso de Anselmo de Cantuária, Pedro Abelardo, Tomás de Aquino, Guilherme de Ockham e outros. Os principais representantes do segundo grupo foram fornecidos pela fé luterana e reformada. Informações mais detalhadas sobre a escolástica protestante é encontrada em T. J. German, Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, volume II, às páginas 41-43.

As considerações dos escolásticos foram esforços na tentativa de consolidar a ortodoxia que, desde a ascensão do Imperador Constantino, passou a ser norteadas pelas concepções da igreja oficial ou estatal, a Igreja Católica Romana. Conforme HURLBUT (1979, p. 99) observa, “o fato mais notável dos dez séculos da Idade Média foi o desenvolvimento do poder papal”. A partir de então, a Igreja passou a considerar como dissidentes e hereges aqueles que não se conformassem aos seus dogmas, o que mais tarde desencadearia o movimento da Reforma Protestante.

Contudo, a escolástica foi um movimento teológico e filosófico que floresceu no ambiente erudito das universidades europeias entre os séculos XI e XVI. O seu objetivo principal foi sistematizar a teologia cristã através do uso da filosofia, especialmente a de Aristóteles, reinterpretada pelos teólogos cristãos, um sincretismo danoso para os pressupostos bíblicos. A escolástica tentou explicar racionalmente as verdades de fé, desenvolvendo uma metodologia que combinava a lógica com a teologia, como será estudado na próxima seção.

## **2.2. Principais Representantes da Teologia Escolástica**

Tomás de Aquino (1225-1274) é, sem dúvida, o teólogo mais influente da escolástica. Em sua obra “Suma Teológica”, ele procurou harmonizar a filosofia aristotélica com os dogmas cristãos. Outros nomes importantes incluem Pedro Abelardo, João Duns Scotus e Guilherme de Ockham, cada um trazendo contribuições únicas para o debate sobre a relação entre fé e razão. A seguir vamos listá-los em ordem cronológica com a relação de suas principais obras (ver OLSON, 2016, p. 325-378):

### **1. Anselmo de Cantuária (1033–1109)**

**Obra principal:** "Proslogion" (contém o famoso argumento ontológico para a existência de Deus).

Conhecido como o "pai da escolástica", Anselmo combinou a fé com o raciocínio lógico, argumentando que a fé precede o entendimento ("Fides quaerens intellectum").

## 2. Pedro Abelardo (1079–1142)

**Obra principal:** "Sic et Non" (uma compilação de contradições aparentes nas Escrituras e nos escritos dos Pais da Igreja).

Abelardo se destacou por sua ênfase no uso da lógica dialética para resolver contradições teológicas.

## 3. Hugo de São Vítor (1096–1141)

**Obra principal:** "Didascalicon" (sobre as artes e a divisão do conhecimento).

Ele foi um dos primeiros a sistematizar o ensino das artes liberais e a teologia.

## 4. Pedro Lombardo (c. 1100–1160)

**Obra principal:** "Sentenças" (quatro volumes de compilações teológicas, que se tornaram um manual básico para o estudo da teologia nas universidades).

Suas "Sentenças" foram um dos textos mais comentados pelos teólogos escolásticos posteriores.

## 5. Tomás de Aquino (1225–1274)

**Obra principal:** "Summa Theologica" (uma síntese abrangente da teologia cristã).

Ele foi o maior representante da alta escolástica, combinando o aristotelismo com a teologia cristã.

## 6. Boaventura (1217–1274)

**Obra principal:** "Itinerarium Mentis in Deum" (sobre a jornada da alma até Deus).

Contemporâneo de Tomás de Aquino, Boaventura combinou misticismo e escolástica.

## 7. João Duns Escoto (1266–1308)

**Obra principal:** “Ordinatio” (um comentário sobre as Sentenças de Pedro Lombardo).

Ele introduziu a ideia de que a vontade é superior ao intelecto, influenciando o voluntarismo.

## 8. Guilherme de Ockham (c. 1287–1347)

**Obra principal:** “Summa Logicae” (sobre lógica e a teoria do conhecimento).

Conhecido por sua defesa do **nominalismo** e pela “Navalha de Ockham”, o princípio de parcimônia.

## 9. Meister Eckhart (1260–1328)

**Obra principal:** Vários sermões e tratados místicos.

Ele foi um dos principais representantes do misticismo cristão dentro da tradição escolástica, enfatizando a experiência direta com Deus, um estado que ele chamou de “despojamento” (*Abgeschiedenheit*) ou “vazio interior”.

## 3. A teologia dos reformadores Lutero, Zwinglio e Calvino, a análise do Concílio de Trento e da Contrarreforma.

### 3.1. A Tentativa de Harmonização entre Fé e Razão na Idade Média

A tentativa de harmonização entre fé e razão foi uma das características mais marcantes da teologia escolástica. Esta era vista como um meio de demonstrar a coerência interna da fé cristã e de defender racionalmente os dogmas estabelecidos pelos concílios, o que parece um retorno ao paradigma da era apologética. Tomás de Aquino foi um dos grandes defensores dessa harmonização, argumentando que a fé e a razão não se contradizem, mas se complementam.

### 3.2. O Debate entre Realismo e Nominalismo

No final da Idade Média, o debate entre realismo e nominalismo dominou a cena teológica. O **realismo**, representado por Tomás de Aquino, defendia que as ideias universais existem independentemente dos objetos físicos. O **nominalismo**, promovido por Guilherme de Ockham, argumentava que os universais são apenas nomes dados a conjuntos de objetos, sem existência real. Este debate influenciou

profundamente a forma como a teologia passou a ser abordada nos séculos seguintes.

### **3.3 A Teologia dos Reformadores**

#### **3.3.1 O Contexto da Reforma Protestante**

A Reforma Protestante do século XVI marcou uma ruptura significativa com a Igreja Católica e trouxe novas perspectivas teológicas, especialmente com relação à salvação, à autoridade das Escrituras e à prática eclesiástica. As ideias dos reformadores foram uma resposta à corrupção e abuso dentro da Igreja Católica, como a venda de indulgências, por exemplo.

#### **3.3.2 Lutero e a Doutrina da Justificação pela Fé**

Martinho Lutero (1483-1546), um monge agostiniano que se tornou teólogo, deu início à Reforma quando afixou as 95 teses sobre as indulgências na porta do Castelo de Wittenberg em 31 de outubro de 1517, véspera do Dia de Todos os Santos. Neste dia várias relíquias seriam vendidas, como pedaços de madeira da arca de Noé, do berço de Jesus, pão da última ceia etc. Com a compra dessas relíquias, os fiéis se livravam, segundo propunham os prelados, de mais de um milhão e novecentos mil dias no purgatório.

Esse fato ocorreu na Alemanha durante a época de Martinho Lutero. O dominicano **Johann Tetzel**, enviado para promover a venda de indulgências, é conhecido por ter usado a frase: *"Quando a moeda no cofre tilintar, a alma do purgatório irá saltar."* Tetzel propagava a ideia de que, ao comprar uma indulgência, os fiéis poderiam garantir a libertação de seus entes queridos do purgatório, o que foi um dos pontos que levou Lutero a criticar essa prática e a escrever suas 95 Teses.

Ao invés da salvação pelas obras, como era ensinado pela Igreja Católica, Lutero descobriu, através das Escrituras, que "o justo viverá pela fé" (Gálatas 3.11). Para ele que lutava para ter uma boa consciência diante de Deus através de penitências e sacrifícios pessoais, essa descoberta representou uma total libertação do jugo sob o qual vivia. Antes de sua descoberta, Lutero via a Jesus Cristo como um exator severo e insensível, porém agora, à luz das Escrituras, ele o concebia como o

Salvador amoroso e gracioso. O seu desejo era torná-Lo conhecido a todos e desfazer o equívoco produzido pela teologia católica.

Seu entusiasmo e a profunda transformação em seu ser foram tão significativos que ele alterou seu sobrenome de **Luder** para **Luther**, criando um neologismo a partir da combinação das palavras greco-latinas "**Eleuterius**" (que significa "o livre" ou "o liberto") e **Luder**. Esse novo nome expressava seu sentimento mais profundo de liberdade espiritual: "**o Liberto**".

Pela sua coragem em enfrentar a Igreja Estatal, propagar as suas ideias de forma verbal e escrita, e enfrentar corajosamente os dignatários da confissão católica, numa época em que essa atitude representava condenação à fogueira, que ele foi nomeado o principal proponente da doutrina da justificação pela fé. Lutero argumentou que a salvação é um dom gratuito de Deus recebido pela fé, e não por obras. Suas "95 Teses", afixadas na porta da Igreja de Wittenberg em 1517, foram as responsáveis por desencadear o movimento de Reforma que se espalhou pela Europa e engendrou o progresso político, econômico, social e religioso nos países que o acolheu.

### **3.3.3 Zwinglio e a Reforma na Suíça**

As motivações e incremento da Reforma na Suíça encontraram a sua consumação em Ulrico Zwinglio (1484-1531), um contemporâneo de Lutero, liderou. Ele enfatizou a autoridade exclusiva das Escrituras e rejeitou o culto às imagens e a transubstanciação, que ele via como sem base bíblica. Os seus motivos específicos foram:

1. **Influência Humanista e Reformista:** Ele foi influenciado pelo humanismo renascentista, em especial por Erasmo de Roterdã, pois, assim como Erasmo, desejava uma reforma na Igreja que enfatizasse um retorno às fontes bíblicas e ao ensino das Sagradas Escrituras. Sua ênfase estava na simplicidade da fé cristã, sem os excessos da Igreja Católica Romana.
2. **Rejeição das Práticas da Igreja Católica Romana:** Zwinglio, assim como Lutero, opunha-se à venda de indulgências, à veneração dos santos, ao celibato obrigatório do clero e a outras práticas católicas contrárias às Escrituras. Para ele a Bíblia é a autoridade exclusiva como fonte de doutrina, e essa concepção o levou à ruptura com Roma.

- 3. Contexto Sociopolítico da Suíça:** A Suíça estava dividida em cantões, regiões autônomas que buscavam mais independência e estavam abertas às ideias reformistas que questionavam a autoridade de Roma. Zurique, em particular, estava pronta para um movimento de reforma religiosa que também tivesse implicações políticas.

As suas principais realizações foram as reformas em Zurique a partir do ano de 1519. Depois de ter se tornado sacerdote iniciou suas pregações baseadas na Bíblia, estudando sistematicamente o Evangelho, abolindo a missa, eliminando as imagens e relíquias dos templos e simplificando do culto, dirigido em alemão, e rejeitando a transubstanciação.

Zwinglio escreveu diversas obras, tais como o “Comentário sobre a Verdadeira e Falsa Religião” (1525); “As 67 Teses” (1523); a “Explicação das Teses de Zurique” (1523); “Sobre o Batismo, a Ceia e a Unção” (1525) e “Sobre a Providência” (1530). Portanto, deixou um legado preciso, tanto para a sua geração, quanto para as gerações futuras.

### **3.3.4 Calvino e a Teologia da Predestinação**

João Calvino (1509-1564) foi um dos mais influentes teólogos da Reforma. Sua obra “Institutas da Religião Cristã” tornou-se um dos principais textos da teologia reformada, enfatizando de tal forma a soberania de Deus que o resultado foi o desenvolvimento do conceito de predestinação.

Calvino se destacou dos demais reformadores por sua ênfase particular na soberania de Deus e na predestinação, enquanto figuras como Martinho Lutero e Ulrico Zwinglio se concentravam mais na justificação pela fé e na crítica ao sistema sacramental da Igreja Católica. Diferente de Lutero, que manteve uma certa distância de questões políticas, Calvino integrou teologia e prática social de maneira mais ampla, influenciando o desenvolvimento de um sistema ético que impactou a vida pública.

Enquanto Lutero teve que enfrentar toda uma conjuntura em que o Estado se encontrava profundamente comprometido com a Igreja oficial, que se imiscuía nos negócios daquele, Calvino encontrou em Genebra um ambiente propício para colocar em prática as ideias resultantes da teologia protestante. As diferenças básicas de

Calvino em relação aos demais reformadores podem ser sintetizadas da seguinte maneira:

1. **Soberania de Deus e predestinação:** Calvino acreditava que Deus, sendo absolutamente soberano, determinava o destino eterno de todas as pessoas, ou seja, a doutrina da predestinação dupla, para a salvação ou condenação, enquanto reformadores como Lutero enfatizavam a salvação pela graça mediante a fé.
2. **Ética social e organização política:** Elaborou uma ética baseada na justiça divina e nos Dez Mandamentos como regras absolutas de moralidade, aplicou princípios para a ordem social como reflexo da glória de Deus, promoveu a participação ativa dos cristãos nas instituições políticas, lançando as bases para o conceito democrático moderno.
3. **Livre iniciativa e trabalho:** Uma das contribuições revolucionárias e que rivalizava com o sistema anterior ao calvinismo foi a ênfase no trabalho como um chamado divino. Era diferente até mesmo de Lutero, que via o trabalho mais como um meio de viver a vida cristã. Calvino encarava o trabalho e a produtividade econômica como aspectos centrais da vida cristã e da ordem social. A ética do trabalho desenvolvida a partir deste conceito foi um dos fatores que impulsionou o desenvolvimento econômico e o capitalismo moderno nas nações ocidentais, ou seja, onde a teologia protestante prevaleceu. Para Weber (2009), o calvinismo ajudou a moldar o espírito do capitalismo ao valorizar o sucesso econômico como um sinal de graça divina.

### **3.4 O Concílio de Trento e a Contrarreforma**

#### **3.4.1 O Concílio de Trento: Contexto e Propósitos**

O Concílio de Trento (1545-1563) foi a resposta oficial da Igreja Católica aos efeitos da Reforma Protestante. Reis, príncipes e a população de diversos países europeus se tornaram protestantes, adotando as suas prerrogativas, cujos pressupostos contrastavam diametralmente dos católicos romanos. O concílio reafirmou doutrinas fundamentais do catolicismo, como a justificação pela fé e obras, a transubstanciação e o papel dos sacramentos, em oposição às novas teologias protestantes. Convocado pelo Papa Paulo III, ele ocorreu em três fases:

- **Reafirmar as doutrinas católicas:** As doutrinas da salvação, dos sacramentos, da transubstanciação, e da veneração dos santos foram reafirmadas, tendo em vista que, sob o ponto de vista bíblico e protestante, essas doutrinas foram rejeitadas.
- **Reformas disciplinares:** Medidas contra a venda de indulgências, a simonia e outras práticas corruptas foram estabelecidas, pois a Igreja Católica reconheceu os exageros dessas práticas.
- **Estabelecimento de seminários:** Foram criados seminários para a formação de sacerdotes e para garantir a educação religiosa adequada. Essas medidas visavam deter o progresso protestante pelo avanço católico.

Por essa razão, os teóricos modernos entendem que a expressão “Contra-Reforma” não reflete toda a iniciativa da Igreja Católica de então, preferindo associá-lo à Reforma Católica, tendo em vista os novos posicionamentos adotados para reformular a instituição. Além de uma resposta ao avanço do protestantismo iniciado por Martinho Lutero no século XVI, o movimento incluiu uma série de reformas internas, o fortalecimento da doutrina católica e novas atividades missionárias, especialmente com a fundação da Companhia de Jesus, os jesuítas.

A Companhia de Jesus foi Fundada em 1540 por Inácio de Loyola e desempenhou um papel fundamental na Contra-Reforma pelo espírito militante da ordem. Os jesuítas seguiam uma disciplina ao estilo militar e, diferente das outras ordens monásticas, foram estabelecidos para lutar contra os protestantes. Eles deveriam pelejar em nas seguintes frentes:

- **Educação:** Criando escolas e universidades em toda a Europa e nas colônias.
- **Missões:** Expandindo as atividades missionárias na Ásia, África e América, convertendo os nativos ao catolicismo.
- **Defesa da fé:** Servindo como “soldados de Cristo” na defesa da fé católica contra o protestantismo.

O contexto da Contra-Reforma foi, de fato, uma resposta direta à Reforma Protestante, que questionava vários aspectos da doutrina e das práticas da Igreja Católica, por isso, no primeiro momento, seu objetivo foi reafirmar a doutrina católica,

porém, no segundo momento, a sua preocupação foi reformar a Igreja por dentro para conter o avanço do protestantismo. Essa reforma Interna salientou a eliminação da corrupção, a moralização do clero e a reafirmação de suas doutrinas tradicionais. Isso incluiu a renovação da vida religiosa e a criação de seminários para uma melhor formação do clero, mas não operou uma transformação radical no modus operandi do catolicismo, pois, se isso houvesse ocorrido, haveria mais proximidade com o protestantismo e, certamente, menos rivalidade.

### **INDICAÇÃO DE VÍDEO:**

[Uma abordagem sobre o período escolástico sob o olhar Católico Romano. Assista o vídeo: **O QUE FOI A ESCOLÁSTICA?** Disponível em: [O QUE FOI A ESCOLÁSTICA? \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)]

[Uma exposição muito clara sobre o período da Reforma Protestante e da Contrarreforma Católica. Assista o vídeo: **A REFORMA PROTESTANTE E A CONTRARREFORMA CATÓLICA: A origem e as causas.** Disponível em: [A REFORMA PROTESTANTE E A CONTRARREFORMA CATÓLICA: A origem e as causas | Resumo de História Enem - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=...)]

### **LEITURA COMPLEMENTAR**

Um estudo detalhando a posição de algumas correntes da historiografia cristã e suas diferentes concepções sobre a Reforma Protestante. O autor realça a influência positiva da Reforma sobre a sociedade e a cultura nos séculos posteriores. Ver o artigo em [https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/150-int-ext/cpaj/2021/Fides\\_Reformatadas/Fides\\_Reformatada\\_22\\_N2/1-A-reforma-e-os-historiadores-Alder-Souza-de-Matos.pdf](https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/150-int-ext/cpaj/2021/Fides_Reformatadas/Fides_Reformatada_22_N2/1-A-reforma-e-os-historiadores-Alder-Souza-de-Matos.pdf). **MATOS, Alderi Souza de. A Reforma e os Historiadores. FIDES REFORMATATA XXII, Nº 2 (2017): 11-22.**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os Concílios Ecumênicos lançaram as bases para a consolidação da teologia cristã, período que foi seguido pela escolástica, com a sua tentativa de harmonizar fé e razão. Ela preparou o caminho para a Reforma Protestante, tendo em vista as grandes mudanças experimentadas no mundo social e político. Como Cairns (2008, p. 247) salienta, a Reforma ocorreu por causa da relutância da Igreja Católica em aceitar as mudanças que haviam sido sugeridas por sinceros líderes cristãos humanistas. As nações-estado estavam surgindo, a classe média estava se formando

e se opunham ao poderio universal do papa e ao envio de remessas de fundos para Roma. A Contra-Reforma, por outro lado, foi o resultado da relutância do clero católico em se render às exigências requeridas pelo contexto. O máximo, então, que poderia fazer, seria uma adaptação interna não radical e a estruturação de uma militância externa radical.

## **HORA DE REVISAR**

O pensamento cristão passou por várias fases que foram amoldando a sua teologia, dos Concílios Ecumênicos ao escolasticismo, deste à Reforma Protestante e, como reação à Reforma, uma Contra-Reforma que, ao mesmo tempo se configurou na Reforma Católica. Essas mudanças indicam a luta travada entre os que buscavam as suas orientações seguras, como as Sagradas Escrituras, e àqueles que recorriam a fontes externas, como a tradição ou a filosofia grega. A teologia moderna é, em vários sentidos, o resultado desses desenvolvimentos.

## **REFERÊNCIAS**

AQUINO, Tomás de. **Summa Theologica**. São Paulo: Paulus, 2002.

CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos: Uma história da igreja cristã**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CALVINO, João. **Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

GERMAN, T. J. Escolasticismo. In: Walter Elwell, ed. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. 3 vol. São Paulo: Vida Nova, 2009.

HURLBUT, Jesse L. **História da Igreja Cristã**. Flórida, USA: Vida, 1979.

LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

OLSON, R. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Vida, 2001. (10. reimp. 2016).

PAXTON, GEOFFREY, J. **O abalo do adventismo**, Rio de Janeiro: Juerp, 1983.

RAUSH, D. A. Concílios Ecumênicos. In: Walter Elwell, ed. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. 3 vol. São Paulo: Vida Nova, 2009.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**, 4ª ed. 6ª reimpressão. Traduzido por Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2009.

## Sumário

### UNIDADE 4 - A TEOLOGIA DA ERA MODERNA E DOS SÉCULOS XX E XXI

#### Objetivos:

- **Analisar o liberalismo teológico como fruto do iluminismo.**
- **Examinar como a fé cristã é desafiada pelos novos conceitos científicos e filosóficos.**
- **Estudar o movimento evangélico e sua resposta ao modernismo.**
- **Averiguar o liberalismo teológico e as tendências atuais.**

#### Glossário

*Neoevangelicalismo* – Movimento internacional e transdenominacional que floresceu no século XX e realça a experiência pessoal com Cristo através da fé com base nas Sagradas Escrituras e que se preocupa com a defesa e amparo dos oprimidos pela sociedade.

*Desmitologização* ou *demitização* – Termo usado por Rudolf Bultmann para adequar a mensagem bíblica à mente moderna que segundo ele, não aceita ideias esboçadas em antigos escritos sobre demônios, anjos, céu, inferno, morte e ressurreição e milagres de uma forma geral. Ele os classificou como *mitos*. Por isso, argumentava que a fé cristã não deve depender de uma aceitação literal dos eventos miraculosos ou sobrenaturais descritos na Bíblia, mas sim de seu conteúdo existencial.

#### Introdução

Nesta última UNIDADE, vamos concluir que a teologia dos séculos XX e XXI se distancia daquelas que a precederam, tendo em vista a mudança na cosmovisão de teocêntrica para a antropocêntrica. Essa transformação radical foi o resultado da influência dos movimentos filosóficos e científicos que impactaram a interpretação e a prática do cristianismo, dentre os quais se destacam: a) O liberalismo teológico como fruto do iluminismo; b) O enfrentamento da fé cristã pelos novos conceitos científicos

e filosóficos; c) O movimento evangélico e a reação ao modernismo; d) O liberalismo teológico e tendências contemporâneas.

### **a) O Liberalismo Teológico como Fruto do Iluminismo**

O Iluminismo propôs que o ser humano, por meio da razão e da ciência, poderia alcançar o conhecimento e o progresso, questionando as autoridades tradicionais, incluindo a religião e as Sagradas Escrituras. Filosofias como as de Immanuel Kant, Voltaire e John Locke enfatizavam a autonomia do indivíduo e a capacidade de se chegar às verdades universais sem lançar mão de crenças dogmáticas. No campo religioso, essa nova mentalidade começou a questionar a fé nas doutrinas e a necessidade de basear a verdade exclusivamente na revelação bíblica.

O liberalismo teológico surgiu no século XIX, influenciado pelo Iluminismo e sua ênfase na razão e autonomia individual. Esse movimento adotou uma abordagem crítica e racionalista da Bíblia, tentando alinhar a fé com os avanços científicos e filosóficos da época. Friedrich Schleiermacher, considerado o “pai” do liberalismo teológico, promoveu uma teologia baseada na experiência humana e na sensação de dependência de Deus, em vez da revelação bíblica literal.

O Iluminismo teve uma influência significativa sobre a igreja protestante após a Reforma, durante os séculos XVII e XVIII com o crescente avanço do racionalismo. Diferente das eras anteriores, ele começou a sobrepujar a fé. Uma figura marcante no processo foi o filósofo Ludwig Feuerbach, que “tentou transformar a teologia em antropologia, afirmando que tudo o que se diz sobre Deus, na verdade, é dito sobre o homem” (NICODEMUS, 2008, p. 107). Nomes que representariam a expressão do racionalismo em suas respectivas áreas foram influenciados por Feuerbach, entre os quais Karl Marx, Sigmund Freud, Rudolph Bultmann e Friedrich Schleiermacher.

Schleiermacher separou a fé cristã da trajetória histórica da teologia, redefinindo a experiência religiosa como algo centrado no sentimento de dependência em relação a Deus. Esse subjetivismo teológico minou o campo da religiosidade cristã por séculos. Segundo Nicodemus (2008, p.108), “foi a época em que surgiu o método histórico-crítico de interpretação da Bíblia, negando a inspiração divina de seus livros e tratando-a como mero registro humano, falível e contraditório [...]”

Esse conglomerado de novas ideias, embasadas no racionalismo, deu origem ao liberalismo teológico, o que enfraqueceu a exclusividade e a força do evangelho. Como resultado, a igreja passou por um processo gradual de secularização, culminando no impacto causado pela eclosão da Primeira Guerra Mundial.

### **Princípios e Características do Liberalismo Teológico**

1. **Crítica bíblica:** Os textos bíblicos são analisados como produtos da história e da cultura em que foram escritos, e não como verdades imutáveis enunciadas por Deus através do homem. Autores como **Friedrich Schleiermacher** e **Albrecht Ritschl** foram defensores dessa abordagem, argumentando que a Bíblia deveria ser interpretada à luz da razão e do contexto histórico.
2. **Ajuste ao conhecimento científico:** O liberalismo teológico procurou conciliar os avanços científicos, como as teorias de Darwin sobre a evolução, com a fé cristã. Os teólogos liberais questionaram o criacionismo literal e outras doutrinas que não encontravam apoio na ciência moderna (por esta operar apenas no campo da experimentação), como os relatos de milagres de Jesus e dos apóstolos. Deve-se lembrar, no entanto, que, com os avanços da ciência, constatou-se que o Darwinismo é apenas uma hipótese, não uma teoria, pois os seus pressupostos não podem ser verificados no âmbito da experimentação científica.

O liberalismo teológico foi caracterizado pela valorização da razão, da ciência e do individualismo, promovendo uma transformação na forma como o mundo ocidental compreendia a verdade, a religião e o papel da fé na vida cotidiana, gerando um impacto acentuado no pensamento teológico.

3. **Ênfase na experiência religiosa pessoal:** Em vez de se concentrar nos ensinamentos doutrinários da fé cristã, os teólogos liberais destacaram a importância da experiência religiosa e do sentimento de dependência de Deus. Esse enfoque deu origem a um liberalismo teológico que valoriza a experiência, entendendo a fé como uma vivência de comunhão com o divino e um profundo senso de dependência de Deus, em vez de uma simples adesão aos princípios doutrinários.

4. **Ética cristã e relevância social:** O liberalismo teológico enfatizou o aspecto ético do cristianismo, apresentando Jesus como modelo e guia para a vida moral, individual e social. A teologia social, por sua vez, foi desenvolvida com o objetivo de aplicar os princípios cristãos a questões como pobreza, desigualdade e justiça. Em vez de se concentrar nos aspectos metafísicos da fé, o liberalismo teológico deu prioridade à moralidade e à ética cristã. A religião passou a ser vista como uma força impulsionadora do bem social e do progresso, em vez de um sistema de crenças sobre a natureza de Deus ou a vida após a morte.

#### **b) O Enfrentamento da Fé Cristã pelos Novos Conceitos Científicos e Filosóficos**

No século XIX, além da teoria da evolução de Darwin, a física moderna e filosofias como o existencialismo e o positivismo lógico, também desafiaram a fé cristã. Friedrich Nietzsche, por exemplo, declarou a “morte de Deus”, expressando o pensamento de muitos intelectuais de que a religião estava perdendo relevância frente à ciência.

Durante séculos, a teologia cristã foi a principal moldadora do pensamento ocidental, com a Bíblia sendo a autoridade máxima tanto sobre questões espirituais quanto naturais. Entretanto, com o advento da ciência moderna, caracterizada pelo ceticismo, e o surgimento de novas filosofias racionais, essa visão começou a ser questionada, particularmente nos círculos acadêmicos.

#### **Enfrentamento com a Ciência**

A partir dos séculos XVII e XVIII, a ciência trouxe descobertas que desafiaram a interpretação das narrativas bíblicas, particularmente pela Igreja Católica. A teoria heliocêntrica de Copérnico e Galileu, por exemplo, colocou em xeque a visão geocêntrica do universo, ensinada pela igreja oficial, porém, sem o respaldo das Escrituras.

O enfrentamento da fé cristã pelos novos conceitos científicos e filosóficos não foi apenas um desafio, mas também uma oportunidade de crescimento e adaptação. A fé foi forçada a reconsiderar certas interpretações tradicionais e a abrir espaço para novos entendimentos, enquanto, ao mesmo tempo, manteve seu compromisso com a espiritualidade e a busca por sentido e propósito na vida humana. O diálogo entre fé,

ciência e filosofia continua a ser uma questão central para o cristianismo no mundo moderno.

O movimento evangélico é um dos mais significativos e influentes dentro do cristianismo moderno. Ele se desenvolveu a partir de vários segmentos protestantes e adquiriu forma própria, especialmente nos séculos XIX e XX, em resposta às transformações culturais, filosóficas e teológicas do modernismo. Sua ênfase na experiência pessoal de conversão, autoridade da Bíblia e evangelismo global o distingue de outros ramos do cristianismo, ao mesmo tempo que é amplamente diverso em suas expressões.

### **c) O Movimento Evangélico e a Reação ao Modernismo**

Karl Barth (1886-1968), além de pregador e professor, destacou-se como pensador, o teólogo suíço reagiu contra o subjetivismo do liberalismo teológico de Schleiermacher e criticou veementemente os críticos da Sagrada Escritura, por terem depreciado a sua autoridade e relevância, enfatizando a transcendência de Deus e a centralidade da revelação bíblica. As Características do Movimento Evangélico são assim descritas:

1. **Conversão Pessoal (Novo Nascimento):** No cerne do movimento evangélico está a crença na necessidade de uma experiência de conversão pessoal ou "novo nascimento". Para os evangélicos, ser cristão não é apenas uma questão de tradição ou pertencimento cultural, mas envolve um compromisso pessoal e consciente com Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Essa experiência de transformação espiritual é vista como essencial para a salvação.
2. **Autoridade das Escrituras:** Outra característica fundamental do movimento evangélico é sua confiança na Bíblia como a autoridade máxima em questões de fé e prática. Embora haja variação na interpretação das Escrituras, os evangélicos enfatizam a inspiração divina da Bíblia, sua confiabilidade e sua relevância atemporal. Eles tendem a rejeitar leituras puramente alegóricas ou críticas que relativizem o significado dos textos bíblicos.
3. **Cristocentrismo:** O movimento tem um enfoque Cristocêntrico, ou seja, coloca Jesus Cristo no centro de sua teologia. A obra redentora de Cristo — sua morte na cruz e sua ressurreição — é o ponto central da mensagem evangélica. A

salvação é vista como sendo possível apenas por meio da fé em Jesus, e sua vida e ensinamentos servem como o exemplo definitivo para os crentes.

4. **Evangelismo Global:** O nome “evangélico” está diretamente ligado ao conceito de "evangelizar", ou seja, de proclamar a boa nova (o Evangelho) ao mundo. O movimento tem uma forte vocação missionária e um anseio de espalhar a mensagem cristã, tanto local quanto globalmente. Organizações missionárias e movimentos de avivamento desempenham um papel central na expansão da fé evangélica, e isso foi especialmente observado no século XX.
5. **Prática Devocional e Comunitária:** Os evangélicos valorizam a oração pessoal, a leitura da Bíblia e a vida em comunidade. A prática diária de devoção e a participação ativa nas igrejas locais, com um espírito de serviço e adoração, são aspectos essenciais da vida evangélica.

Como Nicodemus (2008, p. 108) destaca. Barth “desejava que teólogos se ocupassem com as coisas divinas em vez de serem exclusivamente historiadores, arqueólogos, filósofos e cientistas da religião”. Ele citava textos bíblicos em suas mensagens, dando evidência de que, para ele, a Bíblia é autoridade máxima. Por isso, pode discorrer sobre justificação pela fé, a graça de Cristo, o pecado e a eleição.

Não demorou para que os liberais e conservadores encarassem os seus ensinamentos como “o ressurgimento da antiga ortodoxia cristã reinterpretada e adaptada à nova realidade – uma *nova ortodoxia*, a neo-ortodoxia”. Nicodemus (2008, p. 109) explica que a neo-ortodoxia “era uma tentativa de síntese entre a ortodoxia da igreja e o liberalismo teológico, e sem dúvida alguma, nessa síntese, o liberalismo perdeu sua força. Mas, [...] a ortodoxia também já não seria a mesma”.

Ainda como resposta ao liberalismo teológico e ao modernismo, surgiram no final do século XIX e início do século XX o movimento evangélico e o fundamentalismo. Esses movimentos afirmavam ou a inerrância ou a infalibilidade bíblica, a divindade de Cristo e a realidade dos milagres, contrastando com as abordagens críticas do liberalismo.

O fundamentalismo se consolidou em torno de doutrinas como a inspiração literal da Bíblia, a expiação substitutiva e a ressurreição corporal de Cristo, enquanto o evangelicalismo buscava dialogar com a cultura contemporânea sem abandonar

essas crenças. Shcünemann (2011, p. 120) opina que “fundamentalismo não deve ser confundido com conservadorismo ou militância política [...] é um fenômeno tipicamente do protestante estadunidense, que se relaciona intimamente à forma de ler e crer na Bíblia.

No entanto, o *neoevangelicalismo* foi um movimento dentro do evangelicalismo surgido nos Estados Unidos em torno da década de 1940, que buscava reformular a abordagem evangélica tradicional, tentando aproximar o fundamentalismo do diálogo com a cultura contemporânea e a sociedade. Ele é frequentemente associado a líderes como Harold Ockenga e Billy Graham.

Eles compõem o que se denomina de *evangelicalismo moderno*, que procurou uma terceira via entre o fundamentalismo e o liberalismo teológico. Os evangelicais modernos se distanciaram do separatismo radical dos fundamentalistas, adotando uma abordagem mais conciliatória e engajada com as questões sociais e políticas, como os direitos civis e a justiça econômica, sem abandonar as crenças teológicas tradicionais. Procuraram se envolver mais com as universidades e a cultura popular, tentando mostrar que a fé cristã é relevante em um mundo moderno e em rápida transformação.

#### **d) O Liberalismo Teológico e Tendências Contemporâneas**

No século XX, o liberalismo teológico evoluiu e se diversificou em várias tendências, como a teologia da libertação na América Latina e a teologia feminista, que abordaram questões sociais e políticas contemporâneas. Teólogos como Paul Tillich e Rudolf Bultmann reinterpretaram a fé cristã de forma existencial e desmitologizada, tentando adaptá-la aos conceitos do modernismo. No século XXI, o liberalismo continua a impactar discussões teológicas, especialmente na ética, direitos humanos e justiça social.

As novas correntes teológicas moldaram o pensamento cristão, como foi o caso da teologia da libertação, que associou a fé cristã com a luta por justiça social e os direitos dos oprimidos, refletindo as tensões políticas e sociais da época. Simultaneamente, o neoevangelicalismo e o pentecostalismo trouxeram um enfoque renovado na experiência espiritual e no compromisso com a missão evangelística,

contrastando com o crescente secularismo e o questionamento das instituições religiosas.

Enquanto o fundamentalismo representava uma postura defensiva em relação à teologia, o pentecostalismo, que surgiu no início do século XX, ofereceu uma alternativa ao modernismo com seu enfoque na experiência direta e sobrenatural com o Espírito Santo. Essa experiência se manifestava através de dons espirituais como o falar em línguas, profecia e curas milagrosas. Para os pentecostais, essas manifestações eram provas do poder contínuo de Deus e uma resposta às dúvidas que o modernismo levantava sobre os milagres e a realidade espiritual. Embora as igrejas protestantes tradicionais não tenham aceitado essas manifestações como equivalentes às descritas nas Escrituras, o ambiente eclético da época favoreceu o diálogo e a aceitação do novo movimento.

Além disso, o século XXI trouxe novos desafios à teologia, com a globalização, o pluralismo religioso e o avanço da tecnologia digital. Questões de gênero, sexualidade, ecologia e justiça social ganharam relevância no discurso teológico, exigindo respostas criativas e engajadas. A teologia pública, que busca articular a fé em um contexto pluralista e multicultural, ganhou destaque, ao lado de abordagens inter-religiosas que visam ao diálogo entre diferentes perspectivas de fé.

Portanto, um período marcado por uma teologia em constante adaptação e reinvenção, respondendo não apenas às questões internas da igreja, mas também às mudanças culturais e éticas de um mundo cada vez mais interconectado e diversificado. Conforme Nascimento (2022, p. 49) argumenta:

O ser humano é o arquiteto de seu próprio mundo que constrói com a sua capacidade técnico-científica e, ao construir o mundo, edifica a si mesmo de maneira antropocêntrica e dinâmica, o que lhe faz sentir o anseio por respostas novas aos problemas das relações *deste mundo* com o *Reino de Deus*.

Paralelamente, a filosofia pós-iluminista também desafiou as bases do pensamento teológico tradicional. Immanuel Kant, por exemplo, questionou a possibilidade de conhecer o transcendente através da razão pura, sugerindo que a religião deveria ser baseada mais na moralidade do que em dogmas metafísicos. A

filosofia de Friedrich Nietzsche, com a famosa frase “Deus está morto”, sugeria que a cultura moderna tinha superado a necessidade da fé cristã, propondo uma nova moralidade sem a necessidade de uma autoridade divina.

Além disso, os filósofos existencialistas, como Søren Kierkegaard e Jean-Paul Sartre, desafiaram a fé cristã em sua ênfase na liberdade individual e no sentido da vida. Kierkegaard, embora cristão, introduziu a ideia do “salto de fé”, sugerindo que a crença em Deus não poderia ser racionalmente justificada, mas era uma questão de escolha pessoal e subjetiva. Ele, certamente não levou em consideração as evidências, quando o metafísico invade o físico de maneira inquestionável.

Esses confrontos provocaram diferentes reações no cristianismo, levando vários teólogos a buscarem uma síntese entre fé e ciência, como foi o caso de Teilhard de Chardin, ao propor que a evolução poderia ser parte do plano divino, o que contraria o relato do Gênesis e transforma uma hipótese em teoria válida.

O cristianismo, em seus diferentes ramos, continua a lidar com as tensões entre fé e conhecimento racional. Alguns grupos mantêm uma postura apologética, defendendo a racionalidade da fé frente aos desafios científicos e filosóficos, enquanto outros abraçam o diálogo, reinterpretando a fé em contextos contemporâneos.

A despeito das tensões, esses enfrentamentos abriram a oportunidades para o diálogo entre a fé cristã e os novos conceitos científicos. Ao longo do século XX e XXI, algumas tentativas de reconciliação foram feitas, quando a ciência e fé passaram a ser vistas como abordagens complementares à verdade.

O papa João Paulo II, por exemplo, afirmou que “a fé e a razão são como as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade” (PAULO II, 1998. p. 5). Da mesma forma, teólogos modernos como Alister McGrath (2004. p. 8-10.) e John Polkinghorne (1998. p. 12-15), que também são cientistas, propõem que a ciência e a teologia podem colaborar para um entendimento mais completo da realidade.

### **Evolução e Impacto do Liberalismo Teológico**

No final do século XIX e início do século XX, o liberalismo teológico teve um impacto profundo nas igrejas protestantes, especialmente na Europa e nos Estados

Unidos. Ele ajudou a moldar o pensamento das principais denominações protestantes e influenciou o modo como muitos cristãos lidavam com as novas descobertas da ciência e da filosofia.

No entanto, o liberalismo teológico também enfrentou resistência. O fundamentalismo, por exemplo, surgiu como uma reação direta ao que seus defensores viam como uma diluição das doutrinas essenciais da fé cristã. Movimentos conservadores criticavam os liberais por abandonarem verdades teológicas centrais, como a inerrância das Escrituras, a divindade de Cristo e a realidade dos milagres.

### **Tendências Contemporâneas no Liberalismo Teológico**

No século XXI, o liberalismo teológico continua a evoluir, influenciando várias tendências contemporâneas dentro do cristianismo. Entre as mais importantes estão:

1. **Teologia da Libertação:** Desenvolvida nas décadas de 1960 e 1970, a teologia da libertação aplica princípios do liberalismo teológico para focar na luta por justiça social, econômica e política. A partir de uma leitura crítica da Bíblia, especialmente das passagens relacionadas à opressão e à libertação do povo, teólogos como Gustavo Gutiérrez promoveram uma interpretação da fé cristã que coloca os pobres e marginalizados no centro da missão da Igreja. A sua inclinação para o socialismo pode ser observada na declaração de Boff (1993, p.126):

A teologia da libertação encara a ciência e a técnica dentro deste triângulo: satisfação das necessidades básicas, justiça societária e poder. Em outras palavras: busca-se o poder popular para mediante ele garantir a satisfação das necessidades básicas e assim realizar a justiça societária.

O problema é que nos países onde prevalece a ideologia marxista, nem sempre o poder é exercido de forma democrática, mas, com frequência, autocrática. Tendo em vista o pendor da teologia da libertação para a ideologia marxista, ela encontrou apoio nos países com inclinação para a esquerda, favoráveis ao regime socialista. Ela projeta a imagem de Jesus, não como o Salvador do pecado, mas como um revolucionário mais preocupado com questões sociopolíticas e seculares, do que com a eternidade.

2. **Teologia Feminista e de Gênero:** Influenciadas pelo liberalismo teológico, as teologias feminista e de gênero desafiam alguns pressupostos bíblicos. Teólogas feministas, como Rosemary Radford Ruether e Elisabeth Schüssler Fiorenza, reexaminam as Escrituras sob a ótica da igualdade de gênero, buscando dar voz às mulheres e promover a justiça para todas as identidades de gênero. Porém, essa postura não seria necessária se as Escrituras fossem estudadas adequadamente, pois, são nelas que se encontram os argumentos e as ordenanças de defesa dos oprimidos.
3. **Teologia Pós-Moderna:** Essa teologia questiona os pressupostos de certeza, objetividade e universalidade que marcaram tanto o liberalismo quanto o conservadorismo teológico. Influenciados por filósofos como Michel Foucault e Jacques Derrida, teólogos pós-modernos, como John D. Caputo, enfatizam a fragmentação e a pluralidade de interpretações da fé, rejeitando narrativas absolutas e abraçando a diversidade teológica e cultural. Ou seja, uma inclinação ao relativismo teológico.
4. **Teologia Pública:** Teologia com tendência contemporânea que tem raízes no liberalismo teológico. Busca articular a fé cristã em um contexto de pluralismo religioso e cultural, envolvida com questões de justiça social, direitos humanos, política e ética global. Teólogos como Jürgen Moltmann e Miroslav Volf defendem que a fé cristã deve ser relevante e transformadora na esfera pública, contribuindo para debates éticos e sociais contemporâneos.
5. **Teologia Ecológica:** Teologia ecológica, ou eco-teologia, se desenvolveu como uma resposta aos desafios ambientais modernos. Procura reinterpretar a Bíblia à luz das questões ecológicas, argumentando que a fé cristã deve promover o cuidado e a preservação do meio ambiente. A criação de Deus é vista como sagrada e digna de proteção, e os seres humanos têm a responsabilidade de cuidar do planeta como parte de sua vocação espiritual.
6. **Diálogo Inter-Religioso:** O liberalismo teológico também abriu as portas para um diálogo inter-religioso mais profundo. Em vez de ver as outras religiões como rivais ou ameaças, muitos teólogos liberais contemporâneos defendem uma postura de respeito e aprendizado mútuo. Argumentam que todas as

religiões podem contribuir para uma compreensão maior do divino e do propósito humano, e que o cristianismo pode se enriquecer ao dialogar com outras religiões. Ainda que o diálogo entre culturas religiosas seja sadio, há o perigo de relativizar o caminho de salvação, pois, ainda que se deva respeitar os diversos posicionamentos adotados pelos seres humanos, o cristão tem a incumbência de declarar que “não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (Atos 4:12 - ARA).

### **INDICAÇÃO DE VÍDEO:**

[Esta é uma exposição clara e sóbria do que significa o liberalismo teológico. Assista o vídeo: Disponível em: [Um Lobo em Pele de Cordeiro: Liberalismo Teológico - R.C. Sproul \(Dublado\) \(youtube.com\)](#)]

### **LEITURA COMPLEMENTAR**

Como fruto do liberalismo teológico surgiu o método histórico-crítico de interpretação da Bíblia, que aplicou às Escrituras os critérios propostos pelos seus proponentes. Para uma compreensão do tema, leia o artigo em [file:///C:/Users/prjos/Downloads/Telegram%20Desktop/6\\_O\\_dilema\\_do\\_m%C3%A9todo\\_hist%C3%B3rico\\_cr%C3%ADtico\\_na\\_interpreta%C3%A7%C3%A3o\\_b%C3%ABblica.pdf](file:///C:/Users/prjos/Downloads/Telegram%20Desktop/6_O_dilema_do_m%C3%A9todo_hist%C3%B3rico_cr%C3%ADtico_na_interpreta%C3%A7%C3%A3o_b%C3%ABblica.pdf). NICODEMUS, Augustus. *O dilema do método histórico-crítico na interpretação bíblica*. *FIDES REFORMATA X, nº 1 (2005): 115-138*.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nessa era de rápidas transições, percebe-se que os momentos históricos se sucedem em períodos cada vez mais curtos. Isso se deve às transformações profundas ocorridas após o Iluminismo, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Com a retirada da intervenção da Igreja oficial sobre a ciência, as artes e o livre pensamento, o conhecimento avançou em diversas áreas, inclusive no estudo das Sagradas Escrituras. Contudo, também aumentaram os equívocos sobre Deus e a religiosidade bíblica.

O ecletismo resultante dessas mudanças abriu espaço para o diálogo entre ciência e religião, bem como entre diferentes religiões, além de promover a liberdade de crença sem a interferência do Estado ou de uma Igreja oficial. Diversos ramos da

teologia emergiram, refletindo novas formas de pensamento no cristianismo. Embora ao longo do tempo tenha havido tentativas de desacreditar a veracidade bíblica, e em certos momentos suas premissas tenham sido desafiadas, a contemporaneidade revelou uma renovada busca pelo sagrado e um aumento nas expressões de fé. Assim, pode-se concluir que as Sagradas Escrituras triunfaram, e o pensamento teológico se mostrou gloriosamente vitorioso.

## **HORA DE REVISAR**

A teologia dos séculos XX e XXI se transformou rigorosamente em resposta a novas influências filosóficas e científicas. O liberalismo teológico, nascido do Iluminismo, reinterpretou a fé cristã, enfatizando a razão e a experiência pessoal, enquanto os novos conceitos científicos e filosóficos, como a teoria da evolução e a crítica histórica, desafiaram a autoridade bíblica tradicional. Em reação a isso, o movimento evangélico emergiu, defendendo a ortodoxia cristã e a autoridade das Escrituras, combatendo o modernismo e o liberalismo. Por fim, o liberalismo teológico continuou a se desenvolver, influenciando tendências contemporâneas como a teologia da libertação e outros movimentos que buscam adaptar a fé às atuais questões sociais e culturais.

## **REFERÊNCIAS**

AZEVEDO, Raimundo B. **Teologia Liberal: Breve Introdução a uma Perspectiva Contemporânea**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada** (J. Ferreira de Almeida, Trad.). (2002). Sociedade Bíblica do Brasil.

BOFF, Leonardo. **A Águia e a Galinha: Uma Metáfora da Condição Humana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. São Paulo: Ática, 1993.

GOMES, Antônio C. **O Liberalismo Teológico e a Fé Cristã**. São Paulo: Hagnos, 2008.

GUTIÉRREZ, G. **Teologia da Libertação: Perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2016.

MCGRATH, Alister. **Science & Religion: An Introduction**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**. Petrópolis: Vozes, 2012.

NASCIMENTO, Josimir A. **Mudança de Paradigma no Evangelicalismo Contemporâneo: da salvação pela graça à teologia da prosperidade**. São Paulo: Dialética, 2022.

NICODEMUS, Augusto. **O que estão fazendo com a igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

PAULO II, João. **Fides et Ratio: Sobre as Relações entre Fé e Razão**. São Paulo: Paulinas, 1998.

PIERIS, A. **Teologia em Contextos Plurais: O Desafio do Diálogo Inter-religioso**. São Paulo: Loyola, 2004.

POLKINGHORNE, John. **Science and Theology: An Introduction**. London: SPCK Publishing, 1998.

RUETHER, Rosemary R. **O Sexismo e Deus: Para uma Teologia Feminista**. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Cristo, a História de um Vivente**. São Paulo: Paulus, 2007.

SHCÜNEMANN, Haller E. S. Sociabilidades Protestantes: uma análise sobre o mito e o rito no protestantismo de teologia fundamentalista, p. 119-132. In: Quadros, E. G. e Silva, M. C. **Sociabilidades Religiosas**. Mitos, Ritos e Identidades. São Paulo: Paulinas, 2011.